

Estudos Psíquicos

Revista de Estudos Psíquicos e Neo-espiritualismo Experimental

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO — ISIDORO DUARTE SANTOS

ANO 3.º

LISBOA, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1941

N.º 14

OS FENÓMENOS DO ESPIRITISMO

por Isidoro Duarte Santos

I

VASTO, muito vasto mesmo é o tema que vai preencher estes artigos. E tão vasto êle é, tão cheio de elementos de estudo, tão adequado a lucubrações filosóficas de grande alcance, que não ousaremos ir além de pálido resumo, pois nem o tempo nos sobra para semelhantes digressões, nem o nosso fraco saber suportaria a responsabilidade duma aventura, para a qual não estamos apetrechados neste momento.

¿E porque desejamos fazer análise e exposição de factos? É que não há nada como um facto para abalar o cepticismo dos homens superiores, pois já Lamarck dizia que, além dos factos, só há opiniões; e que as verdades positivas só se encontram nos factos que o homem pode observar. Não admira, pois, que nos escudem nos fenómenos do Espiritismo, para demonstrar a veracidade da Doutrina e impô-la aos olhos dos profanos, principalmente daqueles que aguardam, com paciência e resignação, o dia em que serão iluminados.

Nesta época de comodismo, o facto conta mais do que as palavras. O facto é qual marca de fogo, que deixa vestígios indeléveis. Richet dizia que um facto bem controlado valia por cem observações. E tinha

razão, o grande fisiologista. Nós podemos estar convencidos da existência de qualquer coisa que não vemos ou não sentimos, só por que o raciocínio nos conduz ao estado de credulidade. Perante a consciência, não temos dúvidas acerca da verdade de certa afirmação ou dedução científica. Tal convicção, porém, transforma-se em inabalável certeza, em face de prova tangível que, num instante, pode muito bem destruir edifícios seculares considerados eternos, ou afirmar princípios baseados em hipóteses algo duvidosas.

A Doutrina Espirita não teria galgado as fronteiras da ciência oficial, se os factos não tivessem vindo em seu auxílio, demonstrando a realidade da sobrevivência.

Pois que esta geração foi inoculada de vírus materialista, só aceitando como verdade o que podemos tocar ou impressionar os nossos sentidos, — permita-se-nos a expressão — ¿porque não havemos de acompanhar o gôsto e o ritmo da época, porque não havemos de combater o materialismo no seu próprio reduto especulativo, usando as armas que êle usa?

Provenos que os nossos métodos se baseiem na mais rigorosa experimentação e que não temos necessidade de impor teo-

rias indemonstráveis, tantas e tantas provas nos é dado possuir, tantos e tantos factos podemos apresentar.

A filosofia espirita, só por si, é mais que suficiente para levar à meditação e ao estudo dos grandes problemas do ser e do destino. Todavia, é melhor vulgarizar as experiências dos mestres que à ciência dedicaram o seu trabalho aturado, incansável, persistente, porque os seus testemunhos inconcussos não deixam lugar à dúvida.

Na verdade, quem poderá duvidar das afirmações de Crookes, Wallace ou Aksakof, acerca de experimentação científica? Quem poderá duvidar da palavra de Zoëllner, de Gibier, de Flammarion, no tocante aos seus trabalhos astronómicos e biológicos? Ninguém, certamente. A palavra destes eminentes sábios é respeitada e acatada em todos os institutos e academias do mundo. Porque não acatar, igualmente, as suas afirmações, relativas aos fenómenos psíquicos, que tão pormenorizadamente estudaram e analisaram? Não usaram, porventura, métodos idênticos, num e noutro campo da acção desenvolvida? Se esta geração, como dissemos, é infensa ao reconhecimento de verdades indemonstráveis, não tem direito ao combate sistemático à inovação que surjam e pareçam, por estranhas e insólitas, derrogar as leis da Natureza.

A ciência, a verdadeira ciência, não deve ter prevenções de espécie alguma. Deve encarar, friamente, todos os fenómenos, dos mais simples aos mais complexos, abstraíndo convicções antecipadas, pois só assim produzirá obra honesta e duradoira.

A comunicação dos Espíritos

A comunicação dos espíritos é tão velha como o mundo. Todos os povos antigos, desde os veda aos romanos, participaram da crença na imortalidade da alma. Apesar disso, só alguns eleitos, como os anacoretas e os cenobitas, podiam tomar parte no intercâmbio com os desencarnados.

Jacoliot fala-nos da teoria hindu concernente aos Pitris, que eram espíritos que viviam no Espaço, após a morte do corpo. Era tão rigorosa a escolha dos iniciados, que o segredo da evocação se destinava aos

que tivessem, pelo menos, quarenta anos de noviciado e obediência passiva.

Os chineses também evocavam os seus antepassados e tal costume perpetuou-se de geração em geração, até os nossos dias.

A Grécia não era estranha à evocação dos mortos, como se vê na «Iliada», o maior poema da antiguidade. As pitonisas espalhavam-se pelos templos e proferiam oráculos, orientando a política externa e escolhendo a época das guerras de conquista.

O mesmo costume chegou à Itália.

Emfim, tempo houve em que as manifestações atingiram grande desenvolvimento. Haja em vista os possessos de Lundun, os convulsionários das Cevenas e os visionários do cemitério de S. Médard.

O século dezanove pode denominar-se o século da filosofia materialista. O método experimental alargou consideravelmente a sua órbita e teve inúmeros adeptos, em detrimento do espiritualismo da época, o qual mergulhava, pouco a pouco, na indiferença e no esquecimento. A matéria apaixonava a Ciência, farta de metafísicas e ávida de coisas concretas e palpáveis. Para ela, o espírito era abstracção inútil e a existência de Deus não podia admitir-se, enquanto não fôsse cientificamente demonstrada por *A* mais *B*, como numa operação algébrica. Era a revolta do feitiço contra o feiticeiro. Porque não bastava afirmar, rotundamente, que o sangue circulava nas veias ou que o magnetismo fazia curas, para as quais a medicina não tinha remédios adequados. Era preciso demonstrá-lo por *A* mais *B*, era preciso dar a prova irrefutável, que não deixasse dúvidas nos espíritos fortes, impantes de orgulho materialista.

Augusto Comte fundou o positivismo, ou a religião sem Deus, que «desprezava a indagação das causas». Este filósofo pretendia uma religião demonstrada, que satisfizesse, ao mesmo tempo, ao sentimento, à imaginação e ao raciocínio.

Büchner, por seu lado, estabelecia novas teorias, com a publicação do seu livro «Fôrça e Matéria», criando irreverentes e afastando a mocidade do princípio religioso.

Os intelectuais queriam factos incontrovertidos, queriam provas evidentiíssimas da existência do Criador.

E foi neste *mare magnum*, neste tre-

mendo conflito entre a Ciência e a Religião, que eclodiram os primeiros fenômenos ostensivos do Espiritismo, os tais factos que os homens reclamavam, porque, até então, a experimentação pertencera ao domínio das ciências ocultas. E a religião das religiões, que Augusto Comte não soubera criar, surgiu com o advento da nossa Doutrina, que não satisfaz, apenas, ao sentimento, à imaginação e ao raciocínio, mas assenta em bases experimentais que estão ao alcance de todos os investigadores e afrontam tôdas as idéias preconcebidas.

Os primeiros fenómenos

Esses primeiros fenómenos consistiam em pancadas misteriosas que se ouviam em certa casa de Hydesville, na qual residia a família Fox, hoje ligada para sempre ao movimento espírita universal. Antes, porém, habitara na mesma casa Miguel Weakman, que preferiu abandonar o prédio, a indagar do que se tratava.

As filhas da senhora Fox interessaram-se pelos fenómenos, que se tornavam cada vez mais intensos, a ponto de os vizinhos se alarmarem e os curiosos afluírem ao local, em busca dos invisíveis brincalhões que tão pouco cerimoniosamente incomodavam pessoas pacatas que necessitavam de sossego para o seu trabalho cotidiano.

Uma das irmãs lembrou-se de convenicionar um alfabeto especial e por esse meio vieram a saber que se tratava dum espírito. Levantou-se grande borbórinho. As autoridades intervieram no caso e as pobres raparigas foram desfeiteadas e infamadas. Por pouco, não foram linchadas pela multidão apaixonada e enraivecida. Valeu-lhes um popular decidido que generosamente correu em defesa delas.

Nomearam comissões para estudar a origem das pancadas. A família Fox é acusada de impostura e excomungada pela igreja metodista. Por fim, os fenómenos revelaram um assassinio, cuja vítima fôra sepultada na cave da casa.

Foi isto em 1848.

Eis como Hemma Hardinge resume os acontecimentos, no seu livro «Modern American Spiritualism»:

«Os cônjuges Bell habitavam uma casa em Hydesville. Um dia, passou por lá um mercador ambulante, a quem os Bell deram hospitalidade. Assustada, a senhora Bell saiu, ficando seu marido em companhia

do hóspede recém-chegado. Daquela data em diante, não mais se viu o mercador e dentro de poucos meses o casal mudava de residência, apressadamente.

Vieram os Weakmann, que também partiram assustados e, finalmente, a família Fox, que testemunhou, como os precedentes, as misteriosas pancadas produzidas nas paredes.

Seguiram-se outras manifestações de «assombração»: à noite, acordavam todos alarmados com os rumores duma furiosa luta entre dois indivíduos, à qual sucedia um estertor e se ouvia o rumor de sangue que esguichava. Depois, notava-se o baque dum corpo humano, que tombava exânime. Parecia ainda que alguém arrastava um cadáver e o descia pela escada que conduz à adega. Percebia-se mais o som de uma enxada que cavava a terra, um martelo que batia pregos num sarrafo de madeira e um balde que apanhava terra. Por fim, era o silêncio.

As meninas entraram em conversa com o «mistério» e souberam, de acordo com os sinais convencionados, que o espírito produtor dos fenómenos fôra um mercador, de nome Rosma, de 31 anos de idade, assassinado por Bell, com o fim de lhe roubar 500 dólares que trazia consigo. Acrescentou que fôra sepultado na adega, a dez pés de profundidade, e indicou o ponto onde se devia cavar para encontrarem os seus ossos.

Feitas as escavações, achou-se, de facto, uma prancha de madeira, debaixo da qual existia um espaço vago, onde se viam os cacos dum algarido, cal, carvão, cabelos humanos, alguns ossos e fragmentos de crânio.

O mais importante é que haviam passado 56 anos. Ninguém mais pensava no episódio. Na adega em questão desmoronou uma parede e verificou-se, então, que se tratava dum muro postiço, construído cerca de 80 centímetros da parede mestra. No espaço interposto, havia um esqueleto; onde jazia uma vasilha de pôr a tiracolo, como usam os mercadores ambulantes. Esta vasilha servia para demonstrar a identidade do assassinado».

O assassino, para maior tranqüilidade, mudou a sepultura ao cadáver, talvez com medo da acção da polícia.

A perseguição às irmãs Fox acelerou a rapidez do movimento espírita. Quanto mais a imprensa ridicularizava as mesas girantes, então muito em voga, maior reacção se operava nas multidões, convencidas de que alguma coisa havia para além da campã.

A violenta campanha desenvolvida contra os fenómenos chamou a atenção dos sábios. Fundaram-se jornais, editaram-se livros, levou-se a questão ao Conselho Legislativo de Washington, por intermédio duma petição subscrita por 15.000 assinaturas. Os fenómenos multiplicavam-se por toda a parte.

Como a conversação pela mesa fôsse demorada e fastidiosa, as entidades invisíveis sugeriram a construção da prancheta, que ainda hoje é usada por muitos investigadores.

Mais tarde, reconheceu-se que bastava o médium empunhar um lápis, para que traçasse caracteres automáticos no papel. Obtiveram-se, dêste modo, desenhos, músicas e mensagens de grande valor intelectual.

Depois, veio a escrita directa sobre ardósias hermeticamente fechadas e seladas, vieram as formas luminosas, entre elas, mãos e figuras humanas envolvidas em clarões fosforescentes.

A pouco e pouco, as aparições tornavam-se mais consistentes e muitas pessoas puderam tocar os fantasmas, que acabaram por ser colhidos pela fotografia.

O Juíz Edmonds, membro da Côte Suprema, primeiro magistrado de Nova York, presidente do Senado, converte-se ao Novo Espiritualismo.

Os jornais profanos e evangélicos invectivavam-no e o sábio responde, serenamente, com o seu livro «Spirit Manifestations», que produziu sensação nos Estados Unidos.

O sábio não se atemoriza. Pelo contrário, redobra de energia.

— Como julguei tratar-se de fraude e tinha intenção de esclarecer o público, resolvi prosseguir nos meus estudos; mas as minhas investigações conduziram-me a resultado oposto.

Quer dizer: o Juíz Edmonds estava convencido de que desmascarava os farsantes e acabou por se curvar, inteiramente, à realidade dos fenómenos.

O mesmo aconteceu ao Professor Mapes, da Academia Nacional dos Estados Unidos e a um professor da Universidade de Pensilvânia, chamado Robert Hare, que repetiu as experiências de Faraday, acêrca das mesas girantes, mas não foi bem sucedido. Tôdas as suas tentativas para explicar os fenómenos segundo as leis da Física moderna, foram inúteis, chegando, finalmente, à conclusão de que a nova força física era dirigida por inteligências independentes.

Êste sábio construiu um disco e adaptou-o à mesa, de maneira que o médium não pudesse ver as letras que estavam gravadas na parte dum quadrante, voltado para os espectadores. O médium, por sua vez, permanecia na outra extremidade da mesa e só podia ver a parte do disco que estava em branco. Estas experiências foram publicadas em livro e tiveram êxito estrondoso. Era a Ciência que fazia o seu depoimento,

não eram charlatões que abusavam da credulidade pública.

As controvérsias atingiram o auge e a verdade mais uma vez venceu a mentira. O Espiritismo triunfava, arredava todos os obstáculos, captava os homens de ciência. Quem estudasse a doutrina sem intenções malévolas, ficava prêso, era mais um adepto a juntar àquêles milhares que se multiplicavam, dia a dia, em tôdas as cidades da América do Norte, onde tudo é grande, a começar nos acampamentos espiritas, cujas sessões ao ar livre chegam a comportar seis a sete mil pessoas.

A repercussão na Europa

Estes fenómenos prestes se tornaram conhecidos na França e na Inglaterra, onde a experiência das mesas se difundiu, com a rapidez dos grandes acontecimentos.

Na França, serviu de divertimento frívolo nos salões e em tôda a parte onde havia meia dúzia de pessoas reunidas. Por tudo e por nada consultava-se a mesa, sem método, sem objectivo elevado, por mero passatempo, até que alguns anos mais tarde, aí por voltas de 1857, o Barão de Guldenstubbé publicou o livro «De la Réalité des Esprits», relatando as primeiras experiências de escrita directa obtida em França. A imprensa recebeu esta obra de espada em riste e acabou por ridicularizar alguns estudiosos que persistiam na pesquisa dos fenómenos. Pouco depois, surgia a primeira grande obra de Allan Kardec, intitulada «O Livro dos Espíritos». Foi uma espécie de rastilho providencial que levou o povo a meditar, em vez de condenar, pura e simplesmente, sem exame prévio, as chamadas mesas girantes. Allan Kardec demonstrou no seu livro que das pequenas coisas nascem as grandes e que aquilo que muitos tomavam por simples distracção, «encerrava as mais profundas deduções filosóficas», tais como a prova da immortalidade da alma humana.

Pobre Allan Kardec! Por pouco, não caíu o Arco do Triunfo e a Nossa Senhora de Paris, tanta e tão grande celeuma se levantou contra o livro!

Que não havia espíritos, diziam os próceres da Academia, assim como Babinet e Chevreuil, que optavam pela fraude no movimento das mesas. O Conde de Gasparin afirmava, por sua vez, que as res-

postas dadas eram devidas à acção magnética. Outros, como Roggers, atribuíam tudo à acção automática dos centros nervosos, isto é, o cérebro, a matéria activa da medula alongada, o cordão espinal e as glândulas dos nervos do abdómen. Mas isto já era alguma coisa. Admitia-se a existência de forças psíquicas que dominavam a matéria... equivalente a um desvio da ciência no sentido do reconhecimento da física transcendental que acabava de aparecer com os fenómenos.

E dentro de pouco tempo o Espiritismo invadiu as camadas intelectuais e abriu caminho pelas vias mais apropriadas. Vítor Hugo foi um dos primeiros a converter-se à nova doutrina. As suas sessões com Madame de Girardin tornaram-se célebres, como nos conta Augusto Vacquerie, no seu livro «Miettes de l'Histoire». Eis as palavras com que o autor de «Os Miseráveis» acolheu a mofa dos críticos sem base:

«— A mesa girante e falante foi muito ridicularizada. Mas tal zombaria não tem valor. A Ciência devia sondar todos os fenómenos. Desviar a atenção do Espiritismo, é desviar a atenção da verdade».

O dramaturgo Vitorian Sardou era grande médium desenhador. A «Revista de Espiritismo» publicou, não há muitos anos, alguns dos seus curiosos desenhos.

O historiador Bonnemère não hesitou em escrever:

«Como toda a gente, também zombei do Espiritismo; mas o que eu tomava pelo riso de Voltaire, era apenas o riso do idiota, muito mais comum do que o primeiro».

E tocou a vez a outros grandes sábios e literatos. Flammarion, por exemplo, um dos maiores astrónomos de todos os tempos, escreveu uma dezena de volumes acerca do Espiritismo e seus fenómenos. Teófilo Gautier escreveu uma novela intitulada «Espirita». Lachâtre, George Sand e Balzac, partilharam, igualmente, das mesmas idéias.

Só a célebre Academia de Medicina de Paris se lembrou, em 1859, de atribuir os fenómenos a um músculo rangerador da perna. Esta descoberta sem rival deve-se a Jobert de Lamballe. Fixemos o nome, que vale a pena. *Jobert de Lamballe*. E tanto assim é, que a própria Academia louvou este sábio por tão famosa descoberta,

de-certo a mais importante do século dezanove, muito mais importante do que a dos micro-organismos, atribuída ao genial Pasteur...

É curioso verificar que o movimento espirita tocou, principalmente, os homens de ciência, os chamados intelectuais de laboratório. Eis o nome dos seis componentes da Comissão fundada em França para estudar os fenómenos: Sully Prudhomme, da Academia Francesa; Ballet, da Academia de Medicina; Beaunis, da Faculdade de Medicina de Nancy; Richet, o grande fisiologista Richet, da Faculdade de Medicina de Paris; Coronel de Rochas, director da Escola Politécnica, e Mariller, director das Conferências na Escola de Altos Estudos.

Se os fenómenos não fôsem dignos de estudo, certamente não mereceriam a atenção de tão conspícuos senhores.

* * *

Em Inglaterra, também se realizaram importantíssimos trabalhos, dirigidos por individualidades da maior envergadura e probidade científica. Todavia, os mais conhecidos e que mais influência exerceram no ânimo da opinião pública devem-se a Sir William Crookes, o grande químico que descobriu o *thorium* e o quarto estágio da matéria, a que chamou *radiante*. Homem tão positivo e habituado a trabalhos de laboratório, a pesar e a medir o infinitamente pequeno, não seria dado a fáceis credulidades, nem poderia ser induzido em erro pelas supostas artimanhas de médiuns iletrados.

Pois este sábio, considerado em todo o mundo como um dos maiores luminares da Ciência moderna, estudou e experimentou, durante quatro anos, e sucedeu-lhe o mesmo que aos outros experimentadores. Ouçamos o que ele escreveu em 1870, na *Quarterly Review* (Revista Trimestral), órgão da Academia de Ciências de Inglaterra:

«O espiritualismo ⁽¹⁾ fala de corpos de 30 a 50 quilos de peso, que são elevados no ar, sem intervenção de forças conhecidas; mas o sábio químico está habituado ao uso de balanças, sensíveis a pesos tão diminutos,

(1) *Espiritualismo* e *espiritualista* são os termos usados em Inglaterra para designar *Espiritismo* e *espiritista*.

que seriam necessários dez mil para perfazer um grão. Portanto, é natural pedir a essa força que se diz guiada por inteligências e eleva até o teto um objecto pesado, que faça mover, em determinadas condições, balança tão rigorosa e equilibrada.

«O espiritualista fala de pancadas em diferentes partes dum aposento, enquanto duas ou mais pessoas estão plácidamente sentadas em qualquer mesa. O experimentador científico tem o direito de pedir que essas pancadas sejam produzidas no tubo do seu fonógrafo.

«O espiritualista fala de aposentos assombrados e até danificados por um poder sobrehumano. O homem de ciência pede simplesmente que um pêndulo, colocado numa campânula de vidro e apoiado em sólida alvenaria, seja pôsto em oscilação.

«O espiritualista fala de objectos de mobília que se movem duns aposentos para outros; mas o sábio constrói instrumentos que dividem uma polegada num milhão de partes, sendo-lhe lícito duvidar da exactidão das observações efectuadas, se a mesma força for impotente para mover o ponteiro do aparelho, no simples espaço de um grau.

«O espiritualista fala de flores salpicadas de fresco ródio, de frutos e de seres viventes transportados através de sólidas paredes de tejo. O investigador científico pede naturalmente que um pêso adicional (que fôsse a milésima parte dum grão) seja depositado num dos pratos da sua balança, quando ela está no mostrador, fechado à chave; e o químico pede que se introduza a milésima parte de um grão de arsénico, através das paredes dum tubo de vidro, no qual se tenha encerrado, herméticamente, certa porção de água.

«O espiritualista fala de manifestações de um poder equivalente a muitas centenas de quilogramas, que se produz, sem causa conhecida. O homem de ciência, que crê firmemente na conservação da força e que pensa que ela nunca se produz, sem o esgotamento de qualquer coisa que a substitua, pede que as ditas manifestações se produzam em seu laboratório, onde ele as possa pesar e medir, submetendo-as às suas próprias experiências».

É verdadeiramente digna de aprêço a desconfiança com que *Sir William Crookes* se abalançou à investigação dos fenómenos. Pois este sábio químico escrevia em 1876, após as suas experiências com a médium *Florence Cook* e enfrentando os sarcasmos dos seus colegas da Academia:

— Eu não digo que os fenómenos são possíveis. Digo que são reais.

Antes d'este sábio empreender as suas pesquisas, já a Sociedade Dialética de Londres, sob a presidência de *Sir John Lubbock*, tinha nomeado uma Comissão, de que faziam parte eminentes professores, os quais, após 18 meses de estudo, concluíram a favor da realidade dos fenómenos. Nessa Comissão estava o célebre *Wallace*, émulo de Darwin e que no seu livro «*Miracles and Modern Spiritualism*» (Os milagres e o moderno espiritualismo) fez

a mais desassombrada profissão de fé espiritista. E no número das testemunhas ouvidas figurava o professor *Augusto de Morgan*, presidente da Sociedade Matemática de Londres, bem como *Cromwell Varley*, engenheiro-chefe das linhas telegráficas inglesas, que depuseram em favor dos factos espiritistas. Emfim, na Inglaterra também foi grande o movimento, a que muitos sábios deram notório impulso.

Na Alemanha sucedeu o mesmo. Sábios como *Kerner*, astrónomos como *Zoellner*, fisiologistas como *Weber*, todos dedicaram a sua melhor atenção às investigações psíquicas. O professor *Zoellner*, da Universidade de Leipzig, escreveu a «*Física Transcendental*», onde narra as experiências que fez com o médium *Slade*. Um dos fenómenos que mais o intrigou foi a passagem da matéria através da matéria, como um raio de sol através do vidro.

Na Rússia, na Itália, na Bélgica, na Holanda, na Escandinávia, na Espanha, na Áustria, em Portugal, em toda a parte onde havia homens ávidos de perscrutar e saber, os fenómenos psíquicos foram objecto de minucioso estudo, por parte de investigadores esclarecidos e que, cépticos a princípio, acabavam por confessar a realidade dos factos observados.

REFLEXÕES

Compenetrai-vos desta verdade: — O mal gera o mal, e o bem gera o bem. Quem quiser o segundo, deve renegar o primeiro.

Não procureis ser mais que os vossos irmãos. A modéstia é uma grande virtude.

Se fôsseis caritativos, o vosso Mundo estaria isento de misérias. Procurai exercitar-vos nêsse mester e em breve fareis dum mundo de prova, um mundo de regeneração.

Não discuteis. A discussão geral mal-entendidos.

Sede sempre amáveis.

Procurai, no vosso íntimo, a causa dos vossos desgostos.

Sede humildes. A humildade é uma das melhores virtudes.

O PODER MENTAL

GENERALIDADES. A AURA HUMANA

pelo Dr. António J. Freire

O pensamento e a vontade constituem dois polos onde gravita toda a actividade humana; — coeficientes máximos do seu índice *evolutivo* quando dirigidos no sentido do Bem e do Altruismo, e do seu índice *involutivo* quando orientados no sentido do Mal e do Egoísmo.

O pensamento e a vontade são as forças propulsoras que orientam, condicionam e dinamizam o nosso psiquismo humano, podendo ultrapassar, nas suas modalidades supranormais, os limites impostos pela fisiologia e psicologia clássicas.

O pensamento e a vontade, como elementos plásticos, criadores e organizadores, independentemente do respectivo corpo físico ou somático que lhes serve de veículo e substrato, transcendem os limites da biologia materialista e agnóstica.

As manifestações culminantes do pensamento — génio, inteligência, imaginação, memória, consciência moral — ascendem a Humanidade ao vértice da escala zoológica, diferenciando-a nitidamente da sua ancestralidade animal. É um novo mundo que surge.

O poder ideoplástico e criador do pensamento é hoje um facto comprovado experimentalmente. Para alguns pensadores neo-espiritualistas, o Universo, o Cosmos, na sua complexidade e infinitas modalidades, é, em última análise, a materialização do pensamento de Deus, expresso no Divino Plano da Criação, tendo por essência o condicionamento do dinamismo da evolução espiritual, o triunfo decisivo e derradeiro do Espírito eterno sobre a matéria efémera e transitória.

A Vida, no seu mais alto significado, nas suas múltiplas manifestações, traduz-se em pensamento e vontade, em idéias e realizações.

No nível actual da nossa evolução, o *pensamento-emoção* sobreleva infinitamente, em quantidade, o pensamento puramente mental e abstracto.

No presente estágio, a Humanidade vive

numa atmosfera emotiva incomparavelmente mais intensa do que a intelectual, predominando as paixões inferiores derivadas do orgulho e do egoísmo, onde estão radicados os sucessivos cataclismos sociais da época contemporânea.

Entretanto, é ao pensamento que compete, pela sua superioridade hierárquica no psiquismo humano, educar, corrigir e orientar a natureza e sentido das emoções e dos sentimentos, despertando e vivificando a consciência moral pelo exercício das virtudes cristãs. A meditação, a concentração mental, a prece, são métodos eficazes, quando devidamente compreendidos e aplicados, para a vitória do espírito sobre a alma passional. Sem este auto-domínio, a evolução humana será dolorosa e demorada, oscilando num círculo vicioso de erros e de sofrimentos, até à compreensão pela Humanidade das suas melhores atitudes para conquista do seu destino glorioso e divino.

* * *

A teoria das *idéias-forças*, de Fouillée, acolhida com singular entusiasmo pela *élite* contemporânea, não tem a amplitude e originalidade que lhe foram atribuídas. Com três séculos de anterioridade, Van-Helmont ultrapassou a concepção de Fouillée, reconhecendo o poder ideoplástico, a exteriorização e a projecção, a distâncias consideráveis, das formas-pensamentos.

«O que denomino «espíritos do magnetismo» — diz Van-Helmont — não são espíritos que nos venham do céu e muito menos do inferno, mas provenientes dum princípio inerente à criatura humana, tal como a faísca que se desprende da pederneira».

«Graças à vontade, o organismo pode desprender uma pequena parcela de «espírito» que reveste forma determinada, transformando-se em «ser ideal».

A partir desse momento, esse «espírito vi-

tal» torna-se em coisa algo como intermediária entre o ser corpóreo e os seres incorpóreos. Assim é que pode locomover-se à vontade, não mais submetido às limitações do tempo e do espaço. Mas não se veja em tudo isto a consequência de poderes demoníacos, quando apenas se trata duma faculdade espiritual do homem, a êle intimamente ligada».

«Até aqui hesitei em revelar ao mundo êste grande mistério, graças ao qual o homem fica sabendo que tem ao seu alcance uma energia obediente à sua vontade, ligada ao seu potencial imaginativo, capaz de actuar exteriormente e influir sobre pessoas distantes, mesmo muito distantes (cit. de E. Bozzano, «*Pensamento e Vontade*», trad. port. 1932).

Como se conclui desta transcrição, os filósofos alquimistas dos séculos XVI e XVII, Van-Helmont, Vanini, Agripa, etc., tinham já nessa época recuada um conhecimento preciso e claro da exteriorização e projecção a distância das formas-pensamentos (telepatia e telestesia), e da actividade extrínseca das energias biomagnéticas, base dos encantamentos, sortilégios e amuletos, curas a distância, e doutras complexas operações mágicas, empregadas tanto no sentido do bem, como do mal (teurgia e goécia). A fim de evitar os malefícios a que a sua vulgarização e *modus operandi* poderiam dar lugar, os prudentes e atilados alquimistas empregavam uma terminologia confusa e simbólica, incompreensível para os profanos, só acessível a iniciados e hermetistas.

* * *

Uma das maiores e das mais nefastas ilusões em que o mundo vive, êrro gravíssimo, de consequências deploráveis para a evolução espiritual da Humanidade, consiste na falsa suposição de que os seus pensamentos e sentimentos, os mais íntimos e secretos, ficam confinados dentro dos seus cérebros ou nos seus corações, ocultos nos refolhos da sua consciência mais recôndita, sem repercussão exterior.

A observação e experiência modernas demonstram, clara e insofismavelmente, a intensa e decisiva influência vibratória dos pensamentos-emoções, por vezes, exercendo a sua acção a distâncias astronómicas, de mundo a mundo, actuando individual e colectivamente, influenciando também as forças cósmicas, tanto no sentido do bem, como do

mal, em função da natureza bemfazeja ou malfazeja dos pensamentos-emoções originais projectados para os meios etéricos e metetéricos correlativos aos mundos terrestre, astral e mental.

A telepatia espontânea e experimental (transmissão, a distância, de pensamentos, sentimentos e emoções *por mais extra-sensoriais* entre o agente ou emissor e o percipiente ou receptor) é actualmente um facto assente e positivo dentro do neo-espiritualismo e das ciências metapsíquicas.

Diz criteriosamente o sábio investigador prof. Richet: «só a ignorância ou a má-fé podem negar a telepatia», (*Traité de Metapsichique*, 2.ª ed., Paris, 1923).

* * *

Todos os actos, constituindo a trama das nossas vidas de relação, dentro na nossa actividade social, desde os mais simples aos mais complexos, dependem da estreita associação de três factores: 1.º — o pensamento que, estimulado pela emoção-desejo, o planeia e lhe dá forma; 2.º — a vontade, o esforço volitivo, que, reunindo e enfeixando as energias mentais e emocionais, as impulsiona e dinamiza para a realização objectiva; 3.º — a participação completamente motora do corpo físico ou somático para a sua exteriorização material, que nada mais é do que a projecção e materialização da forma-pensamento-emoção no meio físico, executada imediata ou mediatamente.

O pensamento, mais ou menos mesclado de sentimentalidade e emotividade, é, em última análise, o general comandante de tôdas as nossas realizações no campo incomensurável das actividades sociais e psíquicas da alma humana.

Sendo o poder mental o ponto de partida para tôda a actividade humana, quer no meio físico e terrestre, expresso na vida de relação, quer no meio metetérico e espiritual, expresso no metapsiquismo humano, impõe-se logicamente o dever indeclinável de cultivarmos todos os pensamentos e sentimentos dentro duma rigorosa higiene moral e cultural no sentido da nossa evolução espiritual, orientando-a nos moldes evangélicos do Cristianismo, fundamentando todo o exercício da nossa actividade dentro do princípio eterno e universal da Fraternidade humana exemplificado por Jesus Cristo, o Homem Divino.

Cada alma, na sua dupla modalidade, transmissora e receptora, é um poderoso e contínuo centro de irradiações mento-emocionais, sem tréguas nem repouso, transmitindo vibrações em todos os sentidos, variando essas ondas vibratórias em altura, amplitude, comprimento e velocidade, como forma, côr, intensidade e duração, em função da natureza e qualidade dos pensamentos-emocões e do grau de concentração da vontade que os impulsiona e vitaliza no percurso da sua trajectória.

Para alguns investigadores e clarividentes, a amplitude e velocidade das ondas mento-emocionais ou telepáticas ultrapassam as ondas hertzianas e da luz (300.000 quilómetros por segundo), o que nos dá a sensação ilusória do dom da ubiquidade inerente à força-pensamento.

* * *

O homem interior, invisível à vista normal, é incomparavelmente mais complexo do que o seu veículo material, mero instrumento da sua actividade psíquica durante o curto período limitado ao seu estágio terrestre, indispensável à sua evolução espiritual, regida pelas leis reencarnacionista e kármica.

Assim como o nosso corpo carnal ou somático tem as suas funções fisiológicas diferenciadas em órgãos, sistemas e aparelhos maravilhosamente estruturados e adaptados à vida vegetativa e à vida de relação, assim também os corpos perispirituais e espirituais que o vivificam, condicionam e orientam, têm, paralela e análogamente, corpos fluídicos e psíquicos sistematizados nas suas funções vital, emocional, mental concreto e abstracto, volitiva, intuitiva e ainda animados doutras faculdades da mais elevada espiritualidade embora embrionárias e latentes na grande maioria da Humanidade, dentro do actual ciclo evolutivo.

Em síntese: o futuro progresso da Humanidade traduzir-se-á na transformação desse potencial anímico, por agora em estado latente e virtual, a um estado futuro de dinamização e de actividade no decorrer de inúmeros milénios através do espaço e do tempo, senão do infinito e da eternidade, a-fim-de atingir o Homem-perfeito, o Demiurgo, sendo

dada a essência divina do espírito humano (a mónada).

Todos êsses corpos perispirituais e espirituais do complexo humano estão patentes na *aura* ambiente de cada indivíduo, não constituindo segrêdo para os clarividentes e para certos experimentadores do valor do coronel Rochas d'Aiglun, Lefranc, Leadbeater, A. Besant, dr. Baraduc, Lancelin, Durville, etc.

A *aura humana* (metasoma dos metapsiquistas) é constituída pelo envólucro fluídico, etéreo, do corpo carnal, de forma ovóide, de volume e côres variáveis, resultante do aglomerado dos corpos psíquicos que, interpretando-o, se projectam além da sua periferia numa extensão variável, de indivíduo para indivíduo.

As auras humanas, em geral, não irradiam além de meio metro da periferia do corpo físico, mas as auras de Buda e de Jesus Cristo irradiavam a longas distâncias, por vezes, quilométricas. A aura do nosso Logos envolve e interpenetra todo o seu Sistema Solar, o que determina a sua omnisciência e omnipresença dentro do seu sistema de mundos planetários, explicando-se assim a transcendente afirmação de S. Paulo: «*N'Ele temos a vida, o movimento e o ser*».

Dentro da aura dum Logos, ou de um Demiurgo, pela correlação vibratória mental e emocional do seu campo de vida, nas esferas da sua divina actividade criadora, facto algum, pensamento ou sentimento, Lhe poderá ficar oculto. Tôdas as atitudes individuais das criaturas sujeitas à sua divina influência — pensamento, sentimentos, intenções, atitudes psíquicas, expressas ou recônditas, ficam como que cinematografadas e fonografadas na Luz Astral onde se alinham com ordem, método e *verdade* os arquivos imarcessíveis da actividade integral de cada mundo onde os clarividentes instruídos e treinados podem ler, como em livro aberto, a História colectiva e individual de todos os ciclos da Civilização humana e da Criação desde os seus mais recuados primórdios.

Os maravilhosos fenómenos de *psicomетria*, observados nos últimos anos, revelam a existência da Memória da Natureza impressa em todos os corpos inorgânicos e orgânicos terrestres, permitindo antever o mecanismo dos Registos Astrais, abrindo novas vias de investigação ao estudo da geologia, arqueologia, oceanografia, etc., (E Bozzano, *Enigmas da Psicomетria*, trad. port. 1934).

Sob o ponto de vista individual, a aura é para o clarividente um objecto de estudo dos mais interessantes, transcendentos e instrutivos. Na aura de cada indivíduo reflectem-se sentimentos, emoções, pensamentos, aspirações, tendências, hábitos, carácter, pendores, patenteando o seu grau evolutivo espiritual, expressos num complexo aglomerado de imagens de cambiantes policromos, de forma, volume e vibrações variadas, traduzindo o nível do progresso mental e moral a que ascendem.

A vidência natural ou espontânea das auras humanas não é vulgar.

A cromática psíquica e metapsíquica, desde o corpo astral até aos corpos espirituais, é de difícil visibilidade e, por vezes, de interpretação erizada de obstáculos porque as cores e respectivos matizes dos nossos corpos fluidicos apresentam colorações opalescentes, arcorizadas, numa trama tão fina e delicada que se tornam irreductíveis à gama das cores terrestres.

Poucos são os clarividentes ocidentais que sabem ver e interpretar correctamente o corpo vital do duplo etéreo onde circula o prana, expressando as suas variações morfológicas e cromáticas os vários estados mórbidos e patológicos; menos ainda são os clarividentes que analisam e compreendem a estrutura e mecânica do corpo astral onde se geram e organizam os sentimentos, emoções, desejos, paixões; raros os videntes que saibam compreender o delicado mecanismo do corpo mental concreto e as formas-pensamentos a que dá origem incessantemente com os seus maravilhosos matizes amarelos mais ou menos brilhantes em função do egoísmo ou do altruísmo que os impulsionam e originam; mais raros ainda, raríssimos, de facto, os clarividentes privilegiados que saibam enfrentar o corpo mental abstrato, mais geralmente denominado *corpo causal*, correspondendo ao resplandecente *augoedeis* dos gnósticos e ao corpo glorioso de S. Paulo, onde está arquivada a história integral de toda a evolução de cada indivíduo depois da sua humanização, através dos ciclos reencarnacionistas e kármicos inerentes ao seu progresso espiritual.

O exercício da clarividência muito tem concorrido para o estado do metapsiquismo humano, particularmente para a descrição

PELA PAZ UNIVERSAL

A humanidade esqueceu-se de que não veio à terra para usufruir comodidades, mas para cumprir uma missão de sacrifício. Em face desta guerra tremenda que ameaça subverter o mundo, é nosso dever apelar para as forças do Bem, utilizando tôdas as nossas possibilidades.

A todos os leitores que queiram contribuir para a paz universal, rogamos ergam a sua prece fervorosa todos os domingos ao meio dia em ponto, rogando a Deus, com toda a fé, que ponha termo à medonha carnificina. A força que nos ajudará não está nas palavras, mas no sentimento. Ponhamo-nos em condições de atrair êsse auxílio e teremos praticado um acto bom que redundará em benefício colectivo.

irmãos e amigos! Só a prece servirá de refúgio, quando tôdas as esperanças morrerem para o homem! Refugiemo-nos, pois, na prece e formemos uma grande muralha psíquica contra a violência que esmaga e inutiliza a mais bela prerrogativa do indivíduo: trabalhar em paz, a caminho da verdadeira evolução espiritual.

pormenorizada das auras e das formas do pensamento-emoção.

No Oriente, pelo treino metódico da Raja-Yoga e particulares condições de higiene social, alimentar e moral, existem clarividentes de reconhecido valor. Foi nessa escola que se desenvolveram os admiráveis, extraordinários e cultos clarividentes, A. Besant e W. Leadbeater, falecidos recentemente, cuja valiosa e vastíssima bibliografia é uma das mais preciosas dádivas legadas à Humanidade nos últimos tempos ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ A. Besant et W. Leadbeater — *Les Formes-Pensées*.

W. Leadbeater — *L'Homme visible et invisible*.

W. Leadbeater — *De la Clairvoyance*.

A Besant — *Le Pouvoir de la Pensée*.

SEM RELIGIÃO?...

por Léo

Sim, talvez. Creio que ninguém deixará de obter provas psíquicas pelo facto de não ter crenças religiosas. Tanto mais que, segundo parece, os fenómenos de materialização, tão impressionantes, serão principalmente realizados por espíritos inferiores. Por que êsses, mais aproximados da matéria a que a sua situação os prende, possuem as melhores condições para realizar tais provas. Portanto, a falta de religião não inutilizará os trabalhos espíritas, nem prejudicará a observação experimental no seu rigor científico.

Eu costumo respeitar qualquer opinião. E num campo em que tudo, se não é inteiramente desconhecido é, pelo menos, quasi sempre invisível, só nos sendo permitido observar o que, com intenção oculta, nos querem mostrar, neste campo de dúvidas, de experiências e de incertezas, tudo pode ser verdade como tudo pode ser mentira. Respeito, pois, tôdas as idéias, desde que elas tragam provas de criterioso raciocínio, de observação ponderada, e de sincera convicção. Respeito tôdas as religiões, porque tôdas conduzem à mesma finalidade: aproximar de Deus. A intransigência que leva à pretensão de que a razão só está do nosso lado, considerando até desprezíveis as outras religiões, é uma infantilidade agressiva que merece palmatória.

São precisamente aquêles que nunca se deram ao trabalho de examinar a verdade da sua proclamada fé — não há Fé sem crença e para crer é preciso saber em quê — que mais tenazmente se opõem às novas revelações. Êsses crentes superficiais, convencidos de que a religião deve ser aceita sem reflexão e sem estudo — é especialmente cómodo para quem tem mais que fazer — são os que principalmente se manifestam, ainda que sem qualquer autoridade, apresentando como estandarte a velha sabedoria dos outros e a sua aflitiva ignorância.

O Espiritismo existe, com religião ou sem ela. Mas, a mim, parece-me impossível concebê-lo sem a visão religiosa. Que é a religião? A crença numa força superiormente poderosa e perfeita, a imagem e a origem do Bem. Ponde de parte essa força; o que fica?

Pequenas forças dispersas, tendo perdido a sua verdadeira significação espiritual, que é a marcha para o bem, a evolução, a sua razão de ser; quero dizer, o sentido das suas existências através das diferentes vidas por que são obrigadas a passar. A religião é, pois, a crença na principal razão que dá forma e vida ao Espiritismo. A existência de espíritos desencarnados, não se nos apresenta com outra explicação que não seja o seu caminho para o Bem Supremo. É aí que está encerrada a religião, é aí que está a significação da vida dêste Mundo, como a do Universo. Concebê-los fora dessa idéia religiosa, seria nadar num mar revólto sem procurar a direcção da costa, pôrto de salvamento.

¿Que as religiões exigem reformas? Assim o creio. E as Entidades, que são o seu fundamento e a sua expressão, terão de ser encaradas de modo diverso. A possibilidade de comunicarmos com os espíritos elevados, aproximando-os de nós, tira-lhes em parte êsse místico sublimado que lhes dava o inatingível. É, com a devida distância, como a diferença que existia entre os palacianos que lidavam com os reis e o lapuz dos confins da província, julgando que o rei era de ouro. Nem por isso os cortesãos deixavam de ter respeito e dedicação pelo seu rei, antes pelo contrário, eram êles — sendo bons — os únicos que os sabiam tratar, considerando-os no seu devido valor. Simplesmente, não os julgavam de ouro; mas conhecendo a importância da situação por êles ocupada e reconhecendo-lhes as qualidades, melhor que ninguém os apreciariam, podendo mais sinceramente respeitá-los.

Assim, quando a humanidade tiver a convicção de que é possível comunicar com as Divindades, não se lhes dirigirá automaticamente, como quem cumpre um dever enfiado, de cujo resultado nada sabe ou inteiramente duvida, e de que o respeito é apenas uma convenção. Mas há de dirigir-se-lhes consciente e respeitosa, querendo-lhes com aquêl amor feito de admiração e de submissão, que apenas podemos sentir perante uma superioridade incontestável. A Verdade é só uma, sempre a mesma, mas a sua definição vai sendo remodelada a pouco

e pouco, em harmonia com a evolução dos homens, adaptando-se à compreensão deles e ao seu desenvolvimento espiritual.

Nesse admirável «San Michele», Axel Munthe diz, a propósito de crenças: «A Igreja Católica não explica coisa alguma e continua sendo a maior potência do Mundo; a Igreja Protestante esforça-se por tudo explicar e, pouco a pouco, cai em migalhas».

Todavia, parece-me que chegou o momento da Igreja Católica explicar qualquer coisa, para que o seu prestígio não enfraqueça. Bem sabemos que cada religião possui determinadas revelações que avaramente esconde, apenas conhecidas dos iniciados, porque o vulgo as não compreenderia. Mas o vulgo, hoje, para crêr, tem também necessidade de compreender. E será preciso modificar certos símbolos, demasiadamente velhos.

Concordo com Axel Munthe, quando êle diz que os homens de hoje perdem excessivo tempo a ler e a ouvir as idéias dos outros. Melhor seria que êles se dispusessem um pouco mais a escutar os seus próprios pensamentos. «Nós podemos aprender a ciência alheia, mas a «sagesse», essa, devemos procurá-la em nós mesmos. A Fonte da Sabedoria brota do nosso próprio sêr, entre os profundos abismos dos nossos pensamentos e dos nossos sonhos solitários».

Porém, cada um de nós pensa e sente a seu modo. A posição do sol variando constantemente, constantemente modifica a situação do nosso planeta, não havendo dois minutos em que as ondas cósmicas actuem com a mesma força na superfície da terra, e é essa, segundo Lakhovsky, a causa das diferenças que existem em cada pessoa, e a razão por que não há dois homens iguais, física e moralmente. «De momento para momento, as radiações modificam-se e as suas vibrações, e de cada uma delas nasce um efeito diverso, daí resultando, pela ocasião do nosso nascimento, a variação das nossas tendências, dos nossos gostos, da personalidade de cada indivíduo» — diz o mesmo autor.

Eu não sei se Lakhovsky terá sempre razão nas suas deduções, mas é certo que a natureza se encarregou da brilhante tarefa de nos diferenciar, a todos. E assim como seria impossível fazer compreender a um ignorante o que o estudioso conquistou à custa do seu trabalho, também o estado espiritual de cada um, diferindo igualmente, coloca-nos em bem diversas condições para receber, ponderar e desenvolver qualquer assunto espiritual. Isso

Correspondendo ao apêlo que fizemos no último número, tiveram a amabilidade de nos pagar directamente a sua assinatura os seguintes confrades, a quem reconhecidamente agradecemos:

Fernando Alves, de Maiorga, até o n.º 18; Manuel da Rosa Nunes, de Campo Maior, até o n.º 18; Adelino Antunes de Matos, de Ceira, até o n.º 18; António dos Santos e Alfredo Lopes Xisto, de Coimbra, até o n.º 18; Anibal Gonçalves Portugal, de Marmodeiro, até o n.º 18; D. Maria Cecília de Carvalho e D. Maria Ferreira Soares, de S. Tiago de Castelhães, até o n.º 18; Manuel do Rêgo Dias, de Fonte do Bastardo, até o n.º 18; António Proença Barata, de Gonçalo, até o n.º 18; João José Matias Baptista, de Lagos, até o n.º 18; Luiz Pires, de Leiria, até o n.º 19; José Ferreira Elias, de Leiria, até o n.º 18; José Fonseca de Figueiredo Cardoso, de Lisboa, até o n.º 18; D. Elisabete Valdez, de Lisboa, até o n.º 18; Mário Guterres Gomes, de Macau, até o n.º 18; António de Matos, de Rosmaninhal de Mação, até o n.º 18; João da Silva Gomes, de Malange, até o n.º 18; João Martins de Oliveira, de Freixo da Serra, até o n.º 18; Anibal Cardoso Gomes e António Joaquim Gomes, de Cabaços, até o n.º 18; D. Maria Alice Enes da Silveira, de Ponta Delgada, até o n.º 19; Joaquim M. M. Marques Júnior, do Pôrto, até o n.º 18; José Afonso Gonçalves, de Praia de Ancora, até o n.º 18; Tenente Joaquim Vieira de Figueiredo, de Santarém, até o n.º 18; João Pereira da Cruz, de Covêlo de Valadares, até o n.º 18; Leonel Zacarias Pachêco, de Praia da Vitória, até o n.º 18; Crisanto de Melo, de Aveiro, até o n.º 18.

Como, a-pesar-de tudo, temos de recorrer à cobrança postal, pedimos a todos os assinantes se dignem dar bom acolhimento a êsses recibos, não nos sobrecarregando com a sua devolução, que teríamos de pagar como se tivessem sido cobrados.

Aqueles que não desejem continuar a assinar *Estudos Psíquicos*, agradecemos a devolução dêste número, evitando-nos, assim, prejuízos graves incompatíveis com os nossos fracos recursos.

faz-me recordar a pitoresca frase do Padre Manuel Bernardes, a propósito dos poetas ímpios, que consideravam os temas religiosos impróprios para a poesia: «Porque não podem pintar por fora as idéias que não têm dentro».

Por mim, como a Igreja Católica, aquela em que nasci e fui criada, nada explicava que me satisfizesse, abalei em procura duma solução. Do que sofri até encontrá-la, só o saberá quem tenha passado pela mesma tortura. Sabendo que o Espiritismo oferecia a prova real das suas afirmações, a êle me cheguei, desconfiada talvez, mas cheia de interesse, numa ansiedade que reflectia bem a minha instintiva inclinação para aquela revelação luminosa, que assim se abria à nossa observação, na sua parte experimental científica.

¿Quem, na ansiedade de saber, com sincero desejo de crêr e a necessidade imperiosa de se explicar a si próprio, desprezaria tal oportunidade?

RELIGIÕES Nº 12/41

pelo Coronel Faure da Rosa



(Concussão)

Guerras religiosas

A-PESAR das três religiões-troncos (Budismo-Cristianismo-Islamismo) prêgarem a Bondade e a Tolerância, as lutas, as guerras, as perseguições existiram sempre desde os primórdios de cada uma delas. Félix le Dantec ⁽¹⁾ observa que uma das coisas mais interessantes da história das religiões, é o facto de ter havido guerras de religião.

São oito as guerras que figuram na história com a epígrafe de «guerras de religião» e ensangüentaram a França de 1562 a 1598. Como não podia deixar de ser, porque o homem, em geral, põe o seu interesse material acima de tudo, o conflito religioso degenerou em guerra política: dum lado a realeza e do outro as casas aristocráticas dos Guises e dos Bourbons. A primeira guerra começou com a matança de Wany. A oitava e última, foi a que durou mais: de 1585 a 1598, treze anos.

Por detrás destas guerras encontram-se razões económicas e de ordem pessoal, como sempre foi, é hoje e, assim, será sempre, emquanto o planeta que habitamos fôr o planeta de exploração.

O egoísmo não tem somente por domínio o interesse material. O homem é um lutador na ordem do pensamento como em tudo o mais: *cada um quer ter razão*. Daí, cada um julgar-se detentor da Verdade. Cada religião ensina a sua verdade.

As oito cruzadas empreendidas desde o século XI ao século XIII pela Europa cristã contra o Oriente muçulmano, e as perseguições aos maometanos, são outros tantos exemplos de guerras religiosas mundiais. As lutas que devastaram a Inglaterra no tempo do *Convenant* ⁽²⁾, são exemplos dos extremos a que conduz a intolerância religiosa.

A *Saint-Barthelemy* ⁽³⁾ é, talvez, a página mais triste do fanatismo religioso.

Na Holanda, a luta entre católicos, luteranos e calvinistas, durou mais de oitenta anos.

¡E quantos corpos vivos não queimou a inquisição só em Espanha e Portugal!...

M.^{me} Roland, republicana e estoica, mulher de grande inteligência e grande coração, atirada para o cadafalso, em 1793, pelo ódio dos «montanhese», seus inimigos políticos, antes de pousar a bela cabeça no cepo, pronunciou esta frase célebre que a História regista: ¡«Ó Liberdade! ¡Quantos crimes se cometem em teu nome!»

Semelhantemente, todos nós podemos bradar: ¡Ó Deus, ó Cristo! ¡Quantos crimes se têm cometido em teu nome!»

Em tôdas essas guerras e lutas religiosas exerceram-se as maiores crueldades; mas, ao mesmo tempo, quantos prodígios de coragem!

Ainda hoje se verifica que o novo verniz de *homem civilizado* não impede que, esgravatando ao de leve, se encontre logo o homem antigo, o homem das cavernas.

A verdadeira fraternidade estabelece-se entre os homens, não pela comunidade de religião, mas pela justiça e pela bondade.

Amai-vos uns aos outros, prêgava Jesus de Nazaré. E os homens, o que têm feito, o que estão fazendo, é despedaçarem-se reciprocamente.

Beethoven, êsse grande génio musical, dizia que nada conhecia no mundo superior à bondade.

Problemas de sempre

O homem, desde que se lhe desenvolveu o raciocínio, debalde luta pela solução dos intrincados problemas *do ser e não ser; do infi-*

⁽¹⁾ O Egoísmo.

⁽²⁾ Lutas que os escoceses tiveram que sustentar para manter a sua religião quando Carlos I de Inglaterra quis impor o rito anglicano.

⁽³⁾ Matança dos protestantes ordenada por Carlos IX, rei de França, a instigações da mãe, Catarina de Médicis. A consequência directa da *Saint Barthelemy*, foi a quarta guerra civil em França, a quarta guerra religiosa (1572-73).

nito e finito; da imortalidade ou mortalidade da alma; da sobrevivência ou aniquilamento da personalidade.

O Budismo, com inextinguível clareza de imagens ⁽¹⁾, mostra a impossibilidade de o homem jamais conseguir a demonstração de tais problemas com a precisão com que resolve problemas algébricos.

A dúvida há-de alcançar sempre o homem.

«Ser e não ser». O rei Pasênedi, de Hô-sala, conta que um dia se encontrou com a monja Khênâ, discípula de Buda de afamada sabedoria.

O rei interroga-a acerca da santa doutrina.

— Reverenda, ¿o Perfeito existe depois da morte?

— O Bem-aventurado não revelou que o Perfeito existisse depois da morte, — respondeu a monja.

— Nesse caso, reverenda, ¿o Perfeito não existe depois da morte?

— Isso não revelou o Bem-aventurado, grande rei, — que o Perfeito não exista depois da morte.

— Assim, reverenda, ¿o Perfeito existe depois da morte e, ao mesmo tempo, não existe?

A resposta da monja é sempre a mesma: o Bem-aventurado não o revelou.

O rei, pasmado com tamanha insistência, pergunta:

— ¿Qual é a causa, reverenda, qual é a razão porque o Bem-aventurado o não revelou?

A monja retorquiu:

— Permite-me, agora, grande rei, que eu, também te faça uma pergunta, à qual responderás como te parecer. Tens tu um homem, um calculador, capaz de contar a areia do Ganges e que possa dizer: «há ali tantos grãos de areia, ou tantas centenas, ou milhares, ou centenas de milhar de grãos de areia»?

O rei confessou que não tinha.

— ¿Tens tu um calculador, capaz de medir a água do grande Oceano e que possa dizer: «ali dentro há tantas medidas de água, ou tantas centenas ou milhares ou centenas de milhar de medidas de água»?

Que não, que não tinha, — disse o rei.

— ¿E porquê?... Porque o grande Oceano é profundo, imensurável, insondável. O mesmo acontece, ó rei, se se quiser conceber o ser Perfeito com os atributos de nome e de corpo ⁽²⁾. Esses atributos de nome e de corpo, estão abolidos no Perfeito; a raiz deles está destruída como a da palmeira de-

sarraigada e posta de lado, de maneira que nunca mais poderá desenvolver-se, produzir novos rebentos. O Perfeito, ó grande rei, está isento de ver o seu ser medido com as medidas do mundo corporal. Ele é profundo, imensurável, insondável, como o grande oceano. Que o Perfeito exista depois da morte, não é exacto; que o Perfeito não exista depois da morte, também não é exacto; que o Perfeito exista e não exista depois da morte, também isso não é exacto.

O rei ficou satisfeito com a resposta da monja. Vejamos porquê.

Na verdade, a pergunta acerca da sobrevivência do Perfeito não logrou resposta.

¿E porque a deixou a monja sem resposta?

Porque a existência do Perfeito é como o mar, insondável à força de profundo. O pensamento dos humanos terrestres não dispõe de definições capazes de darem idéias exactas de tal profundidade. Atributos como o *ser* e o *não ser*, são bons para o finito, para o condicionado. Aquêles que pretendam aplicá-los ao puro incondicionado, assemelha-se ao homem que tente contar os grãos de areia do Ganges ou as gotas da água do mar.

Tal é o motivo alegado para não responder à pergunta da imortalidade do Perfeito.

Mas, dar semelhante motivo, ¿não equivale a responder e responder com um *sim*?...

É impossível falar do *ser* no sentido vulgar da palavra; e ainda menos o é falar do *não ser*. É uma suprema realidade que o espírito do humano terrestre não pode conceber, que a linguagem não pode exprimir, e que as almas ávidas de eternidade vêem brilhar ao longe, num esplendor envolvido de mistério.

Identidade ou não identidade do «ser» através das várias existências

O Budismo não podia achar melhor imagem que a da chama para explicar a natureza do «ser», — escreve H. Oldenberg.

A chama que, na aparência, se mantém, sempre, semelhante a si mesma, está em permanente geração e constante destruição; e, ao mesmo tempo, encarna o poder torturante e devorante do calor, o inimigo da bemdita frescura, o inimigo da felicidade, da paz.

⁽¹⁾ H. Oldenberg: *Le Bouddha*.

⁽²⁾ A monja referia-se, de-certo, aos elementos de que se compõe a vida terrestre: sensações, representações, formações, conhecimento.

Como o monge Nagasêna tivesse dito que não era o mesmo ser nem eram seres diferentes que, alternadamente, se revezavam na série das existências, o rei Milinda pediu ao monge que fizesse uma comparação.

Nagasêna, então, perguntou ao rei se a luz que um homem acendesse não arderia toda a noite. O rei respondeu que sim, que arderia toda a noite.

— E durante o primeiro quarto da noite ⁽¹⁾, a chama será a mesma que durante a metade da noite que se lhe segue? — tornou a perguntar Nagasêna.

O rei respondeu negativamente.

— E durante a metade da noite — pergunta ainda o monge — a chama será a mesma que durante o último quarto da noite?

Que não, diz o rei; que a chama não é a mesma.

— Como é, então, ó grande rei — volta o monge a interrogar — que a luz durante o primeiro quarto da noite é uma, durante a metade da noite é outra, e durante o último quarto ainda outra?

— Não, reverendo; — replica o rei. A luz o que fez foi arder toda a noite, abastecida pelo mesmo alimento.

— Pois de idêntico modo, ó grande rei, se fecha a cadeia dos elementos do ser: um nasce, outro vai-se, Sem começo nem fim, o ciclo fecha-se. É por isso que não é nem o mesmo ser nem um outro ser, aquêle que, em último lugar, é absorvido pelo Conhecimento ⁽²⁾.

Pode-se dizer que o Ser é o «processus» governado pela lei da causalidade, pelo Devir ⁽³⁾ que a cada instante se destrói e de novo se cria. Aquilo a que chamamos um ser animado, não é mais que um cantão particular neste império do Devir, uma chama neste mar de chamas.

Assim como o fogo se conserva consumindo elementos sempre novos, assim — no meio do afluxo e do desaparecimento de elementos sempre novos provenientes do mundo sensível — assim, se conserva a continuidade da percepção, da sensação, da acção, da dor; e o olhar errante, alucinado pela aparência duma imobilidade constante, crê perceber aí um ser, uma causa.

Filosofia religiosa do Amor, da Harmonia e da Beleza

Há cerca de trinta anos apareceu no Ocidente, introduzida por Ynayat Khau, uma fi-

losófia religiosa que se dizia do «Amor, da Harmonia e da Beleza», à qual chamaram «Sufismo», de *saf*, palavra árabe que significa «puro» ⁽¹⁾. Assim as palavras «Sufismo» e «Sufi», vêm a significar, respectivamente, «pureza» e «puro», o que equivale a dizer que a ordem dos «Sufis» é a ordem dos «puros».

O «Sufismo» participa das três religiões principais, religiões-troncos: Budismo, Cristianismo e Islamismo.

Pretendem os seus adeptos que o «Sufismo» existe desde o princípio da criação e que, principalmente, se encontra na época dos profetas hebreus.

À semelhança dos Mandamentos da Lei de Deus, os ensinamentos «sufis» são dez:

1.º — Há um só Deus, o Eterno, o Único ser; nada existe além dêle.

2.º — Há um só Senhor, o Espírito, Guia de todas as almas, que constantemente as conduz para a luz.

3.º — Há apenas um livro santo — o sagrado livro da Natureza, a única escritura que pode esclarecer.

4.º — Há uma única religião — o progresso na verdadeira direcção do caminho do Ideal, que deve ser a finalidade da vida de cada alma.

5.º — Há uma única lei — a lei da reciprocidade, que deve ser observada com a própria consciência e o sentimento de viva justiça.

6.º — Há uma única fraternidade — a fraternidade humana que une os filhos da terra, indistintamente, dentro da paternidade de Deus.

7.º — Há uma única moral — o amor que brota da abnegação e floresce em actos de bem-fazer.

8.º — Há um único objecto de louvar — a beleza que ergue o coração de cada adorador, através de todos os aspectos do Visível e Invisível.

9.º — Há uma única Verdade — o verdadeiro conhecimento do nosso ser, interior e exterior, que é a essência de toda a sabedoria.

(1) Na antiguidade usavam dividir a noite em quatro partes ou quartos.

(2) O monge queria referir-se aquêle que — rico de sabedoria, desprendido do prazer e do desejo — desde este mundo atinge a Libertação da morte, o repouso, o Nirvana, a mansão eterna.

(3) Movimento progressivo pelo qual as coisas se transformam.

(4) *Soul's Phenomenon*, by Cherifa Lucy Goodenough, livro editado por The Sufi Publishing Society, Ltd. — Londres.

10.º — Há um único caminho, o aniquilamento do ilimitado que leva o mortal à imortalidade e no qual reside toda a perfeição.

O objecto da ordem dos Sufis é espalhar o conhecimento da Unidade, a religião do Amor e da Sabedoria e provar, assim, que a variedade de crenças pode deixar de existir.

Pretendem os sufis que o coração humano, tão atreito a egoísmos e a interesses inevitáveis, só sinta necessidade de transbordar de amor, e que todos os ódios causados pelas distinções e diferenças sejam desenraizados. A guerra actual é a maior das desilusões.

A ordem dos Sufis procura descobrir o poder latente do homem, o segredo de toda a religião, o poder do misticismo, a essência da filosofia, sem interferir nos costumes ou nas crenças. Procura, também, unir os dois polos, Oriente e Ocidente, pelo intercâmbio de pensamentos e ideais; que a fraternidade universal se fortifique e que o homem possa comunicar com o homem através das estreitas fronteiras nacionais e raciais.

Esta religião tem vários membros de diferentes categorias. Uns pertencem ao círculo de estudos e frequentam a biblioteca e assistem aos comícios públicos. Outros assistem às aulas de Religião Comparativa, de Metafísica e de Literatura. Os licenciados frequentam as classes de Concentração, Cultura Moral, etc.

«Iniciados» são os investigadores fervorosos da verdade, unicamente, que desejem ser elucidados sobre o lado exotérico do misticismo. Os iniciados são autorizados a conhecer o que respeita ao Misticismo, Silêncio, Exoterismo, Ocultismo e Psicologia. Além destes há membros honorários e por correspondência. A propaganda é activa e actuam ou tentam actuar por sugestão e pelo mistério. O silêncio de que se rodeiam destina-se a afinar a sensibilidade e é por isso que todos os seus conferentes pedem uns momentos de silêncio.

Todas as filosofias religiosas se inspiram na humanidade, na tolerância, na cooperação. O pior é que os seus executores têm todas as mesmas taras ancestrais de crueza, de egoísmo feroz.

Todas as Religiões se unificam

Há anos, um hindu, num discurso feito em Londres, proferiu as seguintes palavras de concórdia:

«Deus ama em cada pais a forma de culto

observada nêle. Escuta na mesquita os devotos que recitam orações, contando as contas do rosário; é íntimo do muçulmano e amigo do hindu; é confidente do cristão e companheiro do judeu. E os homens de espírito e de alma elevados, que não viram na diversidade de seitas e nos diferentes cultos de religião senão efeitos do Poder do Altíssimo, gravaram os seus nomes de maneira imortal nas páginas da História».

Poderá objectar-se, talvez, que foi grande a audácia deste hindu em querer penetrar o Pensamento de Deus, de quem, certamente, não tinha procuração; mas ninguém de boa fé pode contestar que as suas palavras são de tolerância, de conciliação, de paz.

A nós espiritas, ou que queremos sê-lo, acode-nos esta pergunta:

¿O Néo-Espiritualismo é uma religião?...

Dizem uns que o Espiritismo não é, não pode, não deve ser uma religião. Outros procuram demonstrar por $a + b$ que sim, que o Espiritismo é uma religião, com os seus templos e os seus sacerdotes.

Tudo depende, penso eu, da noção que cada um tiver de «religião» e da convicção mais ou menos segura e fundamentada da sua noção ser a única verdadeira.

Só o crente fanático pode acreditar que lhe é possível conhecer a Verdade.

Todos os caminhos vão dar a Roma: melhores ou piores, mais curtos ou mais longos, certo é que todos lá vão dar.

Eu creio que todas as religiões são boas desde que os seus adeptos queiram e saibam cumprir os seus preceitos, sem excessos que conduzam ao fanatismo e sem deixarem de acatar as leis naturais que de Deus são.

¿A intolerância dos fanáticos!... «Crê ou morres», era o lema dos exércitos conquistadores que faziam a guerra em nome do... Cristo!

Marco Polo, esse grande aventureiro herói, dizia que as gentes eram valentes nas armas mas adoravam Maomet: portanto, era preciso ou convertê-las ou exterminá-las.

O fanatismo gera convertidos falsos, hipócritas, tartufos e os «videirinhos» que têm artes de medrar em todas as religiões.

Iolán Foldes — escritora sueca, *grand-prix* do romance em 1936 ⁽¹⁾ — apresenta-nos um húngaro, emigrado em Paris que é o tipo destes «videirinhos»: burlão, libertino e ma-

⁽¹⁾ *La Rue du Chat qui pêche.*

drago. Sabe que, às segundas-feiras, o templo protestante distribui socorros; que às terças se almoça de graça na Casa dos Teósofos; que às quartas o Banco Rottischild dá de 5 a 10 francos a quem pedir; que às quintas-feiras encontra de jantar na Casa dos Vegetarianos, com a condição de, primeiramente, assistir à conferência; que às sextas-feiras a comunidade judaica dá esmolas; que aos sábados os franco-maçons distribuem víveres em pequenos pacotes aos refugiados políticos; finalmente, sabe que aos domingos pode contar com a generosidade dos Católicos.

É claro — explica a escritora — que é preciso, em cada dia da semana, mudar de religião e de nacionalidade, mas isso não faz mal. Dentro dos bolsos, o «videirinho» tem papelada de sobra, para as ocasiões oportunas, que o autoriza a receber socorro de diversas origens.

¿Que devemos entender por «religião» no seu significado mais lato?...

Substanciosa e clara é a definição de Romain Rolland ⁽¹⁾:

«Numerosos espíritos que são ou se crêem livres de toda e qualquer religião, vivem mergulhados num estado de consciência supra-racional que eles rotulam de Socialismo, Comunismo, Humanitarismo, Nacionalismo e até Racionalismo. Não é o objecto do pensamento que determina a sua origem, que permite decidir se ele tem ou não relação com a religião: o que vale é a qualidade do pensamento.

«Se ele se orienta, intrêpidamente, na investigação da verdade, a todo o custo, com inteira sinceridade e disposto a todos os sacrifícios, — eu denomino-o religioso. Porque tal pensamento pressupõe a fé em um fim do esforço humano, superior à vida do indivíduo, às vezes da comunidade presente, e até da humanidade inteira.

«O próprio cepticismo, quando está nas mãos de naturezas vigorosas e verdadeiras até à medula; quando é a expressão da força e não da impotência, — participa do grande Exército da Alma Religiosa.

«É conhecida a frase trágica acerca do Cristo: *«estará em agonia até ao fim do mundo...»* Quanto a mim, não creio em um Deus pessoal, nem, sobretudo, em um Deus da única Dor. Mas creio (dor e prazer misturados e com eles todas as formas da vida), creio que só é de Deus aquilo que, no homem e nos homens e no universo, é um nascimento

perpétuo. A criação renova-se a cada instante.

«A religião não é, nunca foi uma obra concluída: é o acto e a vontade de agir incessantemente; é uma obra por acabar indefinidamente. É o brotar incessante da nascente, já-mais a estagnação.

...«Eu quero aos rios como aos seres vivos. E compreendo que os meus antepassados lhes vasassem vinho e leite. Ora, de todos os rios, o mais sagrado é aquêle que, a todos os momentos, emerge, das suas areias, das suas geleiras. Está aí a Fôrça primária, a que eu chamo religiosa.

«Essa Fôrça é comum à arte e à acção; às ciências e às religiões; a todo esse rio da Alma que, do insondável e sombrio reservatório, arrasta o irresistível pendor para o oceano do ser consciente, realizado, dominado. E assim como a água ascende em seguida, em vapores, do mar para as nuvens do céu, que realimentam, — assim os ciclos da criação se encadeiam incessantemente. E da nascente ao mar, e do mar à nascente, tudo é a mesma Energia, o mesmo Ser, sem princípio nem fim, ao qual me é indiferente que chamem Deus (¿e que Deus?), ou Fôrça (¿e que Fôrça?), seja esta a chamada matéria (¿que matéria?).

«(¿E não é essa a Fôrça que, igualmente, designa as energias do Espírito?)

«Palavras, palavras!... A essência é a Unidade, não abstracta, mas viva. É ela que eu adoro como os grandes crentes e os grandes ignorantes que, conscientes ou inconscientes, a trazem em si».

A Igreja queimou corpos vivos, é certo; inventou suplicios tão atrozes que a crucificação se pode considerar suave; torturou heréticos ao canto de salmos; enfim, dominou a barbaria, adoptando outra barbaria mais violenta, mais cruel. Talvez a época de então exigisse essa homeopatia e, assim, se explicaria o dizer do povo — «Deus escreve direito por linhas tortas».

Nós não temos o direito de julgar os acontecimentos tão recuados com a nossa mentalidade de hoje. ¿Que dirão de nós, das nossas guerras actuais, os vindouros, daqui a mil ou a dois mil anos?

É certo que a Igreja de todas as confissões religiosas causou muita dor, mas ninguém

⁽¹⁾ *La Vie de Ramakrishna.*

PELA VITÓRIA DO ESPÍRITO

Concepções modernas acêrca de origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito

pelo Dr. Fred

IV

SE compararmos as distâncias e as velocidades translatórias, vê-se que estas são maiores ou menores, conforme maior ou menor fôr a distância dos planetas.

O tempo de translação de Mercúrio é de 88 dias, com a velocidade de 167.000 km/h; o de Vénus é de 224,5 dias (123.000 km/h); o da Terra, 365,25 dias (104.000 km/h); o de Marte, 1 ano e 332 dias (85.000 km/h); o dos Asteróides, cêrca de 5 anos, o de Júpiter, 12 anos (46.000 km/h); o de Saturno, 29,5 anos (33.000 km/h); o de Urano, 84 anos (24.000 km/h); o de Neptuno, 165 anos, à velocidade de 19.000 km/h; o de Plutão, 468 anos.

Como já foi dito, todos os planetas giram, de acôrdo com as leis de Newton e de Kepler, embora teoricamente pudesse dar-se o caso de um planeta sair da sua órbita, sem por isso provocar grandes revoluções; apenas implicaria variação de velocidade, conforme a distância (processo diferente nos minúsculos sistemas solares representados pelos átomos, em que os electrões giram também à volta de núcleos em órbitas determinadas, como planetas em volta do Sol, apenas com a diferença de que podem, na realidade, mudar duma órbita para outra).

Além dêste movimento de translação, os planetas têm um movimento de rotação sobre o seu próprio eixo, de ocidente para oriente, gastando os seguintes tempos para cada rotação:

Mercúrio e Vénus, incerto, mas cêrca de 24 horas; Marte, 24,5 horas; Júpiter 10 horas; Saturno 10,5

pode negar que derramou muita consolação, muita alegria.

Façamos como Joana d'Arc recomenda numa mensagem que nos mandou do Além: «Abençoemos a Igreja pelo bem que fêz, e lastimêmo-la pelo mal que causou».

ERRATA — No meu segundo artigo, sob a mesma epígrafe — *Est. Psíqu.*, n.º 13, pág. 7, linhas 7 e 8 — saiu «Sábio da casa dos Sábios»; deve ser: «Sábio da casa dos Sábias».

horas; Urano, 8,5 horas; Neptuno e Plutão, desconhecido; Sol, 25,3 dias.

O terceiro movimento dos planetas é o do arrastamento do sistema solar em forma de hélice para o Apex — (Vega e Deneb), à velocidade de 20 km/s.

Se Sírius, caminhando para nós com a velocidade de 25.000 km/h, passar dentro de 1 milhão de anos pela posição onde está agora a nossa Terra, nessa altura já o Sol se terá afastado 600 biliões de km da sua posição.

Todos os dias a Terra anda uns 2 milhões de km ao encontro da Vega e só muito raramente se dá o choque entre duas estrêlas. Contudo, em 1901 fomos testemunhas do choque duma estrêla do Perseus com outra massa, isto à distância de 300 anos-luz, tendo-se realizado, portanto, esta catástrofe, havia 3 séculos. A massa foi completamente desfeita em nebulosas, que voaram pelo espaço.

Mercúrio é o planeta mais denso (5,33) e mais próximo do Sol, por isso, difficilmente visível, sendo quasi sempre envolvido na luz do crepúsculo e da aurora. Quando está em opposição, podemos estudá-lo melhor (a última vez foi em Novembro de 1940).

O seu diâmetro equatorial é de 4.500 km. A sua distância angular ao Sol é de 29°, e o seu plano de órbita sobre a eclíptica é o mais inclinado (7°0'11") e o mais excêntrico (0,2056).

O que mais trabalho deu, até hoje, aos observadores, foi a questão dos pontos brancos na sua superfície. Já falámos do avanço de Mercúrio, quando chega à proximidade do Sol (periélio), sendo este facto explicado por Einstein pelo aumento da massa.

Haverá vida em Mercúrio? Vida, propriamente como nós a conhecemos, não, porque, no hemisfério voltado para o Sol, reina uma temperatura de 400° C., de forma que já não pode haver água líquida indispensável à vida (transporte das substâncias alimentares, osmose, dissolução dos sais, dissociação electrolítica, regulação da temperatura do corpo, hidrogel do protoplasma). No outro hemisférico, sempre noite, há frio intensíssimo, também incompatível com a vida; mas ainda não sabemos se Mercúrio terá rotação

própria. Além disso, a atmosfera é muito espessa (espectro de absorção, não admitindo vida ⁽¹⁾).

A superfície da nossa estrela de Alva — **Vénus** — é quasi sempre invisível, por causa da sua densa atmosfera, sabendo-se que, no seu equador, deve existir temperatura insuportável. Vénus, o planeta mais brilhante do nosso céu, não irradia luz própria. A forma altera-se, continua e semelhantemente às fases da Lua e de Mercúrio. A sua densidade é de 5,22, portanto, entre a densidade da Terra e de Mercúrio. O seu diâmetro equatorial é de 12.240 km; a inclinação do equador sobre a órbita é de 85°; da órbita sobre a eclíptica 3° 23'37".

A proximidade do Sol origina-lhe uma camada grossa de vapor de água, como outrora na Terra o ar húmido e sobreaquecido cobria os pântanos, de que resultava a formação de carvões.

Se houver vida em Vénus que se possa adaptar à temperatura de cerca de 80° C., será semelhante à da nossa era primária, com clima quente e húmido e vegetação abundante.

Um dos planetas mais estudados, e dos quais mais se tem falado, é **Marte**, com as suas diversas manchas coloridas, supostos pântanos, que mudam de aspecto com as estações, tornando-se brancas no inverno. Outra explicação é a que deriva na liquefacção não de vapor de água, que falta na sua atmosfera, mas de ácido carbónico. As manchas mais escuras, tendo a mesma origem, baseiam-se em terrenos mais escuros. Um ano de Marte é duas vezes o nosso, mas os dias são como os terrestres.

A inclinação do eixo é tal, que Marte nos mostra sempre os dois polos. Marte tem dois satélites, Deimos e Fobos, que fazem três revoluções durante um dia marciano. Densidade, 3,93. Diâmetro equatorial, 6.800 km; Inclinação do equador sobre a órbita, 24° 50'; Da órbita sobre a eclíptica, 1° 51' 1". Excentricidade da órbita, 0,0933.

Ora, há pouco, a Terra esteve sob o domínio de Marte, o Deus da Guerra.

Este planeta esteve em oposição com o Sol e a Terra em 1939, quando começou a catástrofe que tem avassalado o mundo. Em 1942, reinará a pior constelação que alguma vez houve no céu: Saturno, Urano e Neptuno.

Há-de ser um ano cruel e sanguinolento. Ao menos, resta-nos uma consolação: desde há dois mil anos, o horóscopo mundial está dominado pelo signo dos Feixes, símbolo da variabilidade dos caracteres (egoísmo), e por volta do ano de 1960 todo o mundo entrará (devido à precessão dos equinócios) no signo do Aquário, símbolo duma concepção mais idealista, altruista e adiantada. Ora, o Aquário é signo de Fevereiro, e há actualmente muitas pessoas nascidas neste mês e em fins de Janeiro, o que vai predispondo a Humanidade para as idéias novas. Deus queira! Mas em

1956 haverá nova oposição de Marte, Terra e Sol, com aproximação de Marte da Terra, maior ainda do que no ano de 1939.

Haverá uma guerra religiosa? ⁽²⁾

Marte, em oposição, tem a cor ligeiramente vermelha; o seu diâmetro é metade do da Terra, o seu volume é de cerca de um quinto do terrestre, de forma que os corpos lá existentes pesam menos de metade do que se estivessem à superfície terrestre. Como é óbvio, nós seríamos muito mais leves, se lá estivéssemos.

Como, pelos instrumentos ópticos, vemos partes claras, escuras e verde-castanho, supõe-se que havia continentes desertos e arenosos e florestas que mudavam de cor com as estações. Onde há flora, deve haver água. Schiaparelli descobriu os chamados canais marcianos, o que originou discussões violentas, parece que hoje decididas no sentido de que pode haver canais, não como obras de irrigação feitas por quaisquer seres, mas como formações da natureza, resultantes de outras condições diferentes das da Terra ⁽³⁾.

O espectro indica, entretanto, vapor de água, sendo esta devida a degelos, no polo visível para nós.

Há ou não há vida em Marte, semelhante à nossa?

Para haver vida, deve haver carbono, oxigénio; ora, em Marte, este elemento existe só na proporção de 1 para 1.000. A cor vermelha dos continentes parece indicar que todas as suas rochas estão oxidadas; portanto, Marte deve ter já tirado todo o oxigénio da atmosfera, como acontecerá, também, um dia, ao nosso globo. Enfim, como ainda tem um pouco de oxigénio, um pouco de água e alguma vegetação, talvez lá haja pouca vida, algo diferente da nossa, embora a atmosfera mais leve de Marte e a sua distância maior ao Sol (em comparação com a Terra), permita uma temperatura média anual só de 20° negativos.

Os **Asteróides** são pequenos planetas destruídos, que giram entre as órbitas de Marte e Júpiter. Até hoje, conhecemos uns mil, que percorrem a sua órbita em cerca de 5 anos. As dimensões deles são pequenas: Vesta, 400 km, de diâmetro; Céres, 350 km.; Pallas, 200 km.; Maia, 25 km.

Estas massas tão reduzidas trazem consigo atmos-

(1) A teosofia admite que a vida da nossa 4.ª ronda, quando deixa a terra, passa para Mercúrio; deste, para os globos astral e mental inferior da nossa cadeia terrestre; então, entrará na 5.ª ronda da nossa 4.ª cadeia.

(2) Continuação da guerra actual que, talvez no fundo, já seja uma guerra religiosa, uma espécie de cruzada.

(3) A teosofia, que considera Marte habitado por homens, desde a 3.ª ronda da nossa cadeia terrestre, julga os canais construídos por homens lunares da 2.ª ordem.

fera rarefeita que nos permite estudar os asteróides. Como o movimento destes planetas é uniforme, julgamo-los provenientes doutro planeta, além dos conhecidos, que se tivesse desagregado.

Assim, não será impossível que o desacôrdo dos movimentos retrógrados de certas luas se explique, pela intervenção dum planeta desfeito. Laplace explica que, quando os anéis se destacaram dos seus sóis, deveria ter havido em vários pontos menor intensidade de radiação, de forma que estes arrefeceram mais depressa, condensando alguns núcleos, de que resultaram os asteróides. Entre os grandes planetas conhecidos, haverá, provavelmente, outros. Assim, entre Marte e a Terra, existe um pequeno destrôço chamado Eros, tendo sido talvez projectado por aquêle grande planeta transmarciano. Entre o Sol e Mercúrio descobriu-se há pouco o planeta Vulcano. Também se admite a existência doutro planeta entre a Terra e Marte, chamado Luna, do qual resultou, tanto a nossa Lua, como Eros hoje ligado à órbita marciana.

Existem muitas dúvidas sobre se as transformações violentas sofridas pela Terra não foram causadas por planetas que explodiram. O dilúvio glacial explicou-se, primeiramente, pelo enfraquecimento dos raios solares, mas esta interpretação não está de acôrdo com o facto de toda a Terra, mesmo nos polos, ser enriquecida de vegetação. Outras teorias apareceram, tais como, deslocamento dos polos, isto é, do eixo de rotação e um satélite que girava fora do plano do equador terrestre, de forma que refletia raios solares, ainda beneficiando os polos. Mais provável, todavia, é a interpretação que vamos dar adiante.

O planeta mais gigantesco é Júpiter, sendo muito achatado, devido ao seu rápido movimento de rotação (10 dias, segundo a observação das faixas equatoriais). Densidade, 1,30. Diâmetro equatorial, 143.000 km. Inclinação do equador sobre a órbita, 3° 5', e da órbita sobre a eclíptica, 1° 18' 31".

O eixo de rotação é quasi perpendicular ao plano da sua órbita, de forma que não deve haver estações, sendo o dia igual à noite.

Júpiter tem uma atmosfera muito densa, cuja análise espectral indica, além dos gases comuns aos outros planetas, a presença de vapor de água e dum gás desconhecido, — nebulio.

Um corpo humano colocado em Júpiter, aumentaria sensivelmente de pêso, tendo, por isso, menor mobilidade.

O pêso dum corpo num planeta depende da massa do planeta e da do corpo e da distância entre os seus centros de gravidade. Assim, variam os pesos dum mesmo objecto nos diferentes planetas: Em Vênus, Urano e Neptuno, pouco mais pesariamos do que na Terra; muito menos em Mercúrio, e quasi nada na Lua.

Haverá vida em Júpiter? Não parece impossível.

Júpiter, conquanto receba menos radiação solar do

que a Terra, possui calor próprio, sendo ainda planeta em formação. Júpiter tem 9 luas que gravitam em volta dêle, com velocidades diferentes, tendo as duas últimas movimento retrógrado. Pela observação dos eclipses dum destes satélites, é que Roemer imaginou um processo de determinação da velocidade da luz no vácuo interestelar.

Como os satélites giram em tórno do planeta com velocidade constante, o intervalo de tempo entre dois eclipses consecutivos deve ser constante. Roemer observou que não é assim e que os eclipses observados, quando o Sol está entre a Terra e Júpiter, parecem atrasados de cerca de 17 minutos em relação aos eclipses, quando a Terra está entre o Sol e Júpiter. Roemer teve a idéia feliz de que esta diferença correspondia ao tempo que a luz necessita para percorrer o diâmetro da órbita terrestre, na segunda posição. O valor achado (300000 km/s) era concorde e foi confirmado por outros processos.

Um planeta interessante é Saturno, mais achatado ainda do que Júpiter. A sua densidade é de 1,54. Diâmetro equatorial, 123200 km. Inclinação do equador sobre a órbita, 26° 48' e da órbita sobre a eclíptica, 2° 29' 33". O seu eixo de rotação é inclinado uns 48° sobre o plano da órbita, de forma que a desigualdade das estações é muito mais acentuada do que na Terra, durando, porém, mais, visto que o ano de Saturno é vinte vezes o ano terrestre. Saturno tem um belo aspecto, devido aos seus anéis concêntricos, que nos refletem a luz solar em várias graduações. Estes anéis, dos quais cada um teria a espessura de 20 km, não giram em bloco, mas cada um com a sua velocidade, sendo, também, diferentes as suas estruturas: um, mais grosso, outro mais denso, consistindo todos êles numa infinidade de partículas cósmicas. Saturno é acompanhado por 10 satélites, o último dos quais, Febe, gira em sentido retrógrado.

Admite-se que Saturno, no início da sua formação, ainda gasoso, gravitou em sentido contrário ao de agora, tendo mudado de sentido após milhares de séculos, devido às marés solares. Em vez de todos os satélites acompanharem o novo movimento, o último permaneceu fiel ao antigo.

Em volta de Urano existe uma atmosfera rica em vapor de água, hidrogénio, nebulio, etc. Quatro luas lhe giram em volta, as duas últimas no mesmo sentido do dos últimos satélites de Júpiter e Saturno.

Também Neptuno tem movimento retrógrado, ao contrário do seu satélite.

Neptuno tem atmosfera tão densa e está a tão grande distância, que ainda não pôde ser convenientemente estudado. (Densidade 1,55; diâmetro equatorial 50000 km).

Plutão é um planeta de 15.^a grandeza e cuja órbita, de forte inclinação e excentricidade, leva 250 anos a percorrer. A sua massa é análoga à da Terra.

Falta dar uns pormenores sobre os **cometas e as estrelas** para depois descrevermos origem e evolução da Terra.

Os **cometas**, dos quais conhecemos uns 300, têm forma característica. O seu núcleo (cabeça) é formado de partículas cósmicas, projectadas do Sol pela pressão de radiação, podendo ser um aglomerado de meteoritos, cujos fragmentos foram captados pelo cometa em formação. A cauda dos cometas, que não é indispensável, consiste em corpúsculos mais afastados, matéria mais gasosa (óxido de carbono e azoto). A cauda orienta-se sempre em sentido inverso do do Sol, naturalmente pela pressão da radiação solar.

As caudas dos cometas são transparentes, difundindo a luz solar, tendo também luz própria, devido às partículas cósmicas da coroa solar, cujo carácter eléctrico da matéria rarefeita da cauda se pode ainda mais evidenciar (como nos tubos de Crookes e de Geissler). Os cometas têm massa relativamente pequena. Uns, giram em volta do Sol, no sentido directo; outro, no retrógrado, e cujas trajectórias, umas são elipses, outras parábolas, curva aberta, tendendo para o infinito.

O espectro óptico revela a existência de gases (hidrogénio, azoto, óxido de carbono, cianogénio, vapores de sódio, etc.), bem como de matéria condensada.

O cometa mais conhecido, porque se aproxima mais da Terra, é o chamado de Haley, que descreve uma órbita de 78 anos, à velocidade de 54 km/s.

Os **meteoritos** e estrelas cadentes devem derivar dos cometas.

As estrelas cadentes costumam cair em grande quantidade, em certos meses, parecendo vir dum único ponto do céu; assim, a chuva de estrelas de Agosto vem da constelação de Perseu; as de Outubro, de Orion; as de Novembro, de Andrómeda e do Leão.

Os meteoritos, frequentemente luminosos devido ao calor originado pelo atrito com a atmosfera terrestre, consistem, principalmente, em rochas siliciosas, ferro, níquel, sódio e magnésio, combinados com enxofre e fósforo, e até hidrocarbonetos.

Há meteoritos — centelhas, provenientes de explosões dos próprios meteoritos na atmosfera, e outros (bólios) que pesam milhares de toneladas, animados alguns de velocidades fantásticas e com temperatura de 5.000° C.; outros mais lentos, menos quentes, podendo recobrir-se de neve, na alta atmosfera terrestre.

Pormenores acerca das estrelas

Constelação: Ainda não explicámos o que são **constelações**, das quais se conhecem umas oitenta, distantes entre si 100.000 anos-luz. Relembramos os nomes de alguns agrupamentos conhecidos: a Ursa

Maior, Orion, Pégaso, Centauro, Hércules, etc. Todas as estrelas (mesmo as chamadas fixas), têm movimento próprio, além do seu movimento aparente diurno e anual, de Oriente para Ocidente.

Posição: Chamamos «declinação» à distância angular da estrela ao equador celeste; à outra coordenada denominamos «a ascensão recta». A distância das estrelas à Terra calcula-se pela trigonometria; mas, a fim de utilizar uma base suficiente para resolver o triângulo, toma-se o próprio diâmetro da órbita terrestre (a medição leva, portanto, seis meses).

Assim, por exemplo, o deslocamento aparente anual da Alfa-Centauro é de 3,5 (aberração), estando esta estrela 80 mil vezes mais distante de nós do que o Sol.

Determinamos a posição das estrelas pela latitude e longitude na esfera celeste, cujo polo (do eixo mundial), está situado no prolongamento do eixo terrestre.

Classificação: Classificamos as estrelas conforme o ângulo sob o qual nos aparece a sua luz (paralaxe), conforme a sua velocidade rotatória e luminosidade. As estrelas mais brilhantes são vinte e duas, sendo as mais conhecidas: Sirius, Centauro, Vega, Capela, Altair, Deneb, Algol (1). A olho nu são visíveis umas 7.600. Depois da 7.^a grandeza, já precisamos de binóculos e telescópios; além da 17.^a grandeza, temos de recorrer à fotografia. Até hoje, conhecemos uns 600 milhões de estrelas, até à 21.^a grandeza. (Segundo os cálculos deve haver uns 30 mil milhões). A mais próxima de nós é a Alfa-Centauro (41 biliões de km), cuja luz leva 4,5 anos-luz a chegar até nós.

A seguir, vem a estrela numerada 21185 — Lalande de 7.^a grandeza, distante de nós 7 anos-luz; Sirius está à distância de 9 anos-luz.

A estrela polar fica a 450 biliões de km., isto é, 45 anos luz. A mais brilhante, Sirius, tem uma companheira; é, portanto, uma estrela dupla como o conhecido Algol.

Há também estrelas quádruplas e sêxtuplas, confirmadas espectroscopicamente. Sirius afasta-se da Terra com uma velocidade de mil milhões de km. por ano. Diz Nordmann (*Einstein et l'Univers*): «Se o Cosmos (finito e infinito) é esférico, os raios do Sol podem convergir, depois da sua volta ao Universo, num ponto diametralmente oposto, onde se formaria um Sol-imagem, Sol-fantasma que representasse o Sol-objecto como era há milhões de anos, quando emitia os raios que formavam o Sol duplo. O Sol-objecto já podia ser extinto, ao passo que o Sol-imagem ainda brilhava.

(1) Will Durant («A filosofia da vida») diz: «Claro que as estrelas não existem como as vemos. Sirius pode ser simples massa de matéria escura que emita partículas com tal velocidade, que se tornem luminosas pelo caminho.

Na Via-Láctea, que é banhada de luz zodiacal e cujo diâmetro é de milhões de anos-luz, encontram-se as estrelas mais novas, sendo aquela talvez berço genético dos astros. Quanto mais envelhecem, tanto mais aumentam as velocidades e mais se afastam da Via-Láctea (1).

A cintilação — Aspecto das estrelas

As observações mais interessantes acerca das estrelas são: 1.º)—O dia sideral é 4 minutos mais curto do que o dia solar, avançando diariamente 4 minutos, ou seja 1º, em relação ao Sol. 2.º)—A cintilação, que distingue facilmente as estrelas dos planetas. Tendo estes diâmetros grandes, aparecem-nos como discos luminosos, enquanto as estrelas nos aparecem apenas como pontos brilhantes. A cintilação é frequentemente acompanhada de variações cromáticas, que se explicam pelas refrações e dispersões que as radiações sofrem, quando penetram na atmosfera terrestre, que decompõe a luz sideral como um prisma.

O espectro óptico das estrelas é de absorção, mostrando que possuem, além do núcleo (gases), uma fotosfera envolvida por uma camada inversa e absorvente (cromosfera). O grande astrónomo Secchi estabeleceu várias classificações das estrelas, conforme o seu espectro. O primeiro tipo é o das «estrelas brancas», de temperatura elevadíssima, revelando-nos especialmente hidrogénio, hélio, magnésio, pouco cálcio e sódio: Vega, Sirius, Rigel, Altair, etc. Do segundo tipo, são as estrelas amarelas, indicando a presença de hidrogénio, ferro, silício, cobre, chumbo, prata e carbono: estrela polar, Capela, Aldebaran, Sol, etc. O terceiro tipo é composto de estrelas avermelhadas que revelam, além dos outros elementos, titânio e manganês: Pégaso e Betelgeuse, etc. Finalmente, do 4.º tipo são as vermelhas, pouco quentes, pouco brilhantes, com abundante presença de carbono, completa ausência de hidrogénio, hélio e cálcio.

É alta descrever as nebulosas, que devem ser umas 900 mil. Devem ter temperatura de 223º C. neg. e matéria extremamente subtil, com movimentos moleculares muito rápidos, em todas as direcções.

A massa da mais conhecida, Andrómeda, é 8 milhões de vezes superior à do Sol, e a sua distância de nós é de 1 milhão de anos-luz (há outras, cuja radiação leva 150 milhões de anos-luz a chegar até nós). As nebulosas são constituídas, sobretudo, por gases resistentes a estas baixas temperaturas, como o hidrogénio, o hélio e o nebulio. Os corpúsculos cósmicos projectados da coroa solar, sob a pressão das radiações, penetram no meio nebuloso, carregando-o de electricidade e tornando-o luminoso: Orion, Andrómeda, Cão de Caça. Os espectros ópticos das nebulosas espirais revelam, frequentemente, que estas se estão encaminhando para a condensação.

Kapteyn demonstrou que há duas correntes de nebulosas, uma que foge de nós, para além da Via-Láctea, com a enorme velocidade de 700 a 800 km/s, em direcção ao seu Apex, perto da constelação do Capricórnio, e outra que se aproxima de nós.

Nas teorias cosmogónicas, já falámos da importância as nebulosas na formação dos Mundos.

(1) Diz Nordmann (*Einstein et l'Univers*): «Fora da nossa Via-Láctea há talvez outros Universos, inacessíveis para nós, porque, devido a fenómenos de absorção cósmica da luz, são ópticamente isolados do nosso Universo.

A NOSSA PRÉDICA

pelo Dr. Luíz M. di Cristóforo

A obrigação específica da escola espirita é trabalhar com energia e rectidão, de forma que introduza verdadeira claridade na confusão espantosa de valores que se verifica na actualidade e em todas as ordens da actividade humana.

É necessário compreender que a demonstração da bondade contida nas idéias, expressão meridiana de ideais superiores para o verdadeiro progresso do homem e, por isso mesmo, da humanidade, é demonstração que deve radicar na nossa capacidade realizadora.

Os valores demonstram-se em função de realização. Saber, para compreender, é a única fórmula da essência espirita. Não basta agitar, com espírito mais ou menos demagógico, as possíveis soluções que obtêm ou podem obter os problemas, na verdade complexos, que nos atormentam na hora presente.

Há que ir mais além de noções fragmentadas, que só têm valor intrínseco. A situação presente é susceptível de ser ampla e favoravelmente superada no sentido do verdadeiro progresso humano, a que temos eludido, e, também, para o feliz desenvolvimento de toda a humanidade, em comunhão fraternal, atendendo à perfeição fecunda do humanismo superior da escola espirita, lealmente interpretada nos seus fundamentos primordiais mais puros.

Nos momentos de angústia é que se provam os ideais de redenção, à luz do conhecimento libertador; e mesmo que as circunstâncias sejam desagradáveis para os foros e respeitos humanos, a época é favorável para que encontremos, no meio de tanto caos e confusão

O EVANGELHO DO CRISTO

por Fernando da Cruz Ferreira

I

Vivemos no mundo da ilusão. A verdade não está naquilo que vemos, mas precisamente no que não vemos.

Atrás do que cai sob o domínio dos nossos olhos, é que ela se oculta. Jogando com as faculdades do espírito e não com os sentidos, é que se surpreende a realidade das coisas.

Ainda hoje há muita gente que supõe a terra fixa, porque não a vê mover-se. Outros há que imaginam as côres como propriedade dos corpos; e se lhes dissermos que as côres não existem e são apenas aparências ou impressões particulares produzidas na retina pela luz, segundo a sua natureza própria ou conforme a maneira como é reflectida pelos corpos, duvidarão da nossa integridade mental.

São conhecidos os fenómenos de miragem, que se observam nos desertos arenosos da África, onde o viajante, por ilusão óptica, vê nitidamente na atmosfera a imagem de objectos distantes, como oásis, lagos e até cidades.

E assim somos enganados a cada instante pelos nossos sentidos, a-propósito daquilo que nos afecta como expressão de realidade e não passa de ficção.

Dentre todas as ilusões, a maior e a de mais sérias consequências é a morte.

Nada nos parece mais real e verdadeiro do que ela. É o epílogo fatal da vida, segundo o juízo geral.

amoral, um farol iluminado pelo estudo desinteressado.

Este serviço social prestado pela escola espirita necessita de todos os nossos esforços, de maneira que a sua projecção humanista penetre na espessura de múltiplos interesses subalternos que se opõem ao decidido progresso e libertação do homem.

(Do Boletín de la Agrupación Estudiosa
Camilo Flammarion, de Buenos Aires)

A própria ciência oficializada, longe de combater esse funesto erro, é a primeira a fortalecê-lo, apresentando pretensas documentações em seu abôno. Não lhe aproveitam, neste particular, os exemplos do passado com respeito às muitas quimeras sustentadas e difundidas como dogmas intangíveis pelo ensino escolástico da época.

E, por ser assim, a morte, no sentido em que é considerada, vem gozando foros de realidade incontestada, de um facto inconfundível e inexorável, não passando, no entanto, da maior de todas as ilusões de que a humanidade tem sido e continua sendo vítima.

Já disse alguém, com bastante justeza, que a pior mentira é a que mais se parece com a verdade.

A morte está exactamente nesta condição: parecendo, segundo todos os aspectos, a última palavra no cenário da existência humana, não é mais do que uma simples dissimulação da vida.

A vida, eis a realidade verdadeira. É ela que vence, é ela que triunfa sempre, sobrepondo-se a todas as metamorfoses, a todas as contingências a que se submete em sua maravilhosa trajectória pela senda da eternidade.

A vida não é o que vemos: o que vemos são apenas as suas manifestações através das formas organizadas. ¿Quereis saber o que é a alma? — dizia o Padre António Vieira —, olhai para um corpo sem ela. O corpo com todos os seus órgãos: o corpo intacto, completo e perfeito, não passa de cadáver se lhe escapa a alma, sede da vida. Sem que lhe falte coisa alguma do que se vê, falta-lhe tudo, porque lhe falta a vida que se não vê.

As sementes oferecem-nos outro exemplo edificante. Dividamos em algumas fracções uma semente em óptimas condições germinativas.

Reunindo cuidadosamente essas partes, sem que das mesmas se perca a mais insignificante parcela, reconstituamo-la e lancemo-la à terra: jámais germinará. Porquê? Porque,

ao fragmentá-la, evoluiu-se aquilo que os nossos olhos não vêem e que é tudo: a vida.

A vida não é a forma organizada, por mais complexa que essa forma seja. Ora, como vemos a forma e não vemos a vida que a anima, tomamos, por isso, o efeito pela causa, concedendo à morte o império sobre a vida, quando, em verdade, é esta que fatalmente reina sobre aquela.

Difícil, no entanto, tem sido convencer o homem dêste facto. A ilusão da morte de tal forma o dominou, que êle se obstina em considerá-la como a mais flagrante realidade.

A ressurreição, sendo, como é, um fenómeno natural que a cada instante se exerce no meio em que nos achamos, é ainda considerada como utopia pela ciência mundana e como milagre pela fé dogmática.

A passagem do Homem-Deus sobre a terra, assinalando o acontecimento mais extraordinário da história humana, teve por objecto, em síntese, revelar ao homem a immortalidade através de um testemunho positivo, palpável, categórico.

Jesus veio a êste mundo exemplificar o poder da vida sobre a morte; morreu para que todos vissem como se morre; ressuscitou para que todos vissem como se ressuscita.

O epílogo da sua existência terrena não foi a agonia do Calvário; foi a ascensão de Bethania.

Da mesma sorte, o triunfo majestoso do seu ideal não se verificou no patíbulo da Cruz, mas sim nas suas aparições a Madalena, aos dois peregrinos de Emaús, e, finalmente, aos onze apóstolos, no cenáculo de Jerusalém.

O Cristianismo é por excelência a religião da vida, em oposição às religiões da morte.

«Deixai aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos». «Deus não é Deus de mortos: para Êle todos vivem». Assim predica o Mestre Divino.

Não obstante, os seus discípulos, testemunhas oculares da immortalidade manifesta em seu Mestre, difficilmente se renderam à evidência dessa revelação, a maior, certamente, de todas que, em sua misericórdia, o Céu tem outorgado à terra.

Paulo, o insigne pioneiro da nova fé, convertido pelo Cristo redivivo, insistia sobre a immortalidade, fazendo girar em torno dêste assunto todas as suas prédicas e epístolas.

Jesus ressuscitou: eis a nova alviçareira para a humanidade.

Eis a esperança!—mais que a esperança:—

eis a fé; mais que a fé: — eis a certeza, — eis o facto positivo e palpável da continuidade da vida além do túmulo.

É necessário — acentuava o converso de Damasco — «que êste corpo corruptível se revista de incorruptibilidade», «que esta forma mortal se revista de immortalidade» —; «semeia-se em vileza, ressuscita-se em glória».

O derradeiro inimigo a vencer é a morte. Quando, pois, êste corpo perecível e mortal se revestir de glória e immortalidade, então diremos: tragada foi a morte na vitória! ¿Onde está, ó morte, o teu poder?

São estas, verdadeiras palavras de vida, testemunhando mais uma vez a eterna verdade: nada morre, nada se extingue, nada se aniquila na Natureza.

É a vida e não a morte, que domina a criação, entoando o Cântico sublime da immortalidade.

É o espírito que vence a morte, e não a morte que vence o espírito.

A própria matéria não é destruída na sua mais pequenina parcela. Seu aniquilamento é aparente, é illusório; as formas se desfazem para se organizarem em seguida, sob novos e mais perfeitos aspectos.

A ressurreição é a aurora perenal que envolve o Universo; é o sol da vida, sol sem ocaso, pairando majestoso no levante sempiterno.

Hosanas a Jesus ressuscitado, imagem da vida eterna, testemunho vivo da vida eterna, testemunho vivo da immortalidade, símbolo do triunfo do Espírito sobre as formas perecíveis.

Tu és, como o disseste, a ressurreição e a vida; o que crê em ti, ainda que esteja morto, viverá; e todo o que vive e crê em ti, nunca morrerá.

Quando um facto ou uma doutrina se tornam universalmente aceites, dispensam em absoluto que cada estudioso refaça o caminho para convencimento próprio. A inércia da mente humana e do corpo social é considerável: crenças bem fundamentadas custam a firmar-se e crenças sem base alguma levam longo tempo a desaparecer. Mas os períodos da ansiedade, dúvida e controvérsia, não duram toda a vida. Representam uma fase que temos de transpor.

Oliver Lodge

Em virtude de termos de inserir a notícia referente à distribuição de donativos efectuada pelo Natal, fomos obrigados a retardar a saída do presente número, do que pedimos desculpa aos leitores.

DR. ALFREDO MOTA

O facto de já termos o último número organizado e composto, inibiu-nos de prestar mais desenvolvida homenagem ao nosso saúdoso e dedicado amigo Dr. Alfredo Mota, súbitamente desencarnado, há pouco, em Espinho, onde exercia clínica homeopática.

O Dr. Alfredo Mota era laureado pela Faculdade de Medicina do Porto, de cujo corpo docente fez parte, como 1.º assistente. Foi estagiário da Faculdade de Medicina de Paris, com longa prática em sanatórios anti-tuberculosos de Davos-Platz. Durante



DR. ALFREDO MOTA

17 anos, exerceu clínica em climas tropicais, especializando-se no tratamento da sífilis, moléstias de pele e vias urinárias, em cuja clínica chegou a obter verdadeiros milagres.

Esteve 20 anos no Rio de Janeiro, onde trabalhou na sua profissão. Há uns nove anos que regressara, abrindo, então, em Espinho, um consultório de clínica homeopática. Tinha muitos clientes espalhados por todo o país que o consultavam por escrito, tendo realizado, mesmo de longe, algumas curas surpreendentes. O fervor com que se dedicara à nossa Revista era a prova mais evidente da grande estima que lhe consagrava.

Que ele alcance no Além todas as facilidades necessárias à sua evolução espiritual, são os nossos mais sinceros votos.

D. Frei Bartolomeu dos Mártires

pelo coronel J. A. Costa

LONGOS anos passaram já sobre as primeiras impressões, colhidas em qualquer livro, acerca do virtuoso prelado, que foi Bartolomeu dos Mártires. E essas impressões não se desvaneceram através do tempo, antes mais têm radicado a minha admiração pela figura espiritual do grande Arcebispo de Braga.

Há muito que admirar e aprender nas grandes virtudes do modesto Arcebispo, que, fugindo do mundo e do fausto, só se sentiu bem no silêncio da sua cela do Convento de Santa Cruz de Viana.

A sua caridade para com os desvalidos, a sua modestia e humildade tão grandemente demonstradas na resistência que ofereceu à sua escolha para a mitra de Braga, a disciplina e moralização, que reclamou, no Concílio de Trento, para o clero, a começar pelas mais altas dignidades da Igreja, afrontando com dignidade a má vontade da memorável assembleia, revelam-nos, no grande Arcebispo, uma espiritualidade de que o Concílio, certamente, se não quiz aperceber.

A elevação moral, de que em todas as circunstâncias deu provas, deixa compreender que só um espírito altamente evoluído poderia conduzir o Arcebispo, com tanta nobreza de alma, através dos obstáculos, que por vezes se lhe depararam.

Quando reclamou a «reforma dos ilustríssimos e reverendíssimos Cardiais», quem poderia ouvi-lo, se «de maus frades e de maus padres vira ele, de Braga e Trento, cheio o mundo católico»?

Nota discordante, a sua intervenção...

De lá regressou o bom, o santo Arcebispo, como lhe chama José Caldas, absolutamente desiludido e mais desiludido e aborrecido, quando, ao chegar a Braga, teve de se defrontar com a rara insolência dos capitulares e a hostilidade de outras dignidades eclesiásticas, não só de Braga, como de Guimarães.

Os conseqüentes desgostos levaram-no, mais uma vez, a solicitar a dispensa de tão árduas funções.

Conseguindo renunciar à mitra, foi acolher-se à paz e ao silêncio da sua modesta cela do convento, que ele mesmo fundára, e ali terminou os seus dias na Terra.

Ao passar por Viana, lá fui junto da sua arca tumular, em modesta homenagem à sua memória. Desconhecia, então, o estado de desordem em que dentro do moimento se encontram os seus despojos. Foi José Caldas, quem, no seu livro «D. Frei Bartolomeu dos Mártires», nos explica a origem dessa desordem:

—«Era a obra canibalesca da escória política da revolução patulela, quando, na ânsia tórpe de encontrar o anel, que o Papa Pio IV oferecera ao santo Ar-

Bibliografia

pelo Dr. Sebastião Elvico Martins

O PROTESTANTISMO E O ESPIRITISMO, por Benedito A. da Fonseca — Edição da Livraria da Federação E. Brasileira — 1941 — 231 páginas.

A tese defendida neste livro pelo autor, antigo reformista, é aliciente para quem deseje revidar os ataques à nossa Causa, vindos do sector protestante, o nosso mais próximo inimigo.

O conhecimento profundo e variado que Benedito da Fonseca revela da Bíblia, valeu-lhe imenso para aparar todos os golpes com que o mimosearam. Mas ele não se intimidou com nenhum argumento infalível... Nem mesmo com o célebre versículo 27 do cap. IX da carta de Paulo aos Hebreus, no qual aquele apóstolo afirma que *está ordenado aos homens morrerem só uma vez, vindo depois disso o juízo...*

As questões, sempre palpitantes e sujeitas à controvérsia, da reencarnação, evocação dos mortos, eternidade das penas, a maléfica influência de Satanás, a ressurreição dos mortos, as curas mediúnicas, o Céu, o Inferno, etc., tudo neste pequeno livro está tratado magistralmente, em prosa simples e amena, com seu fiozinho irónico, de forma a amenizar a escabrosidade dos assuntos, por vezes áridos e sediosos.

Mas, a-par da monotonia das citações bíblicas, de que o autor se socorre constantemente, encontramos páginas interessantes, de boa prosa e melhor propaganda da Causa Espirita.

Na pág. 142 há um período, que não resisto à tentação de transcrever, pela sua lógica incontrovertida. Ei-lo:

«O Protestantismo tem prestado grande serviço à humanidade. Isso é inegável. Foi ao Protestantismo que, em tempo próprio, Deus confiou a missão de traduzir e espalhar Bíblias em todas as línguas. O Protestantismo foi o precursor do Espiritismo, como São João Baptista o foi do Cristo.»

Por esta amostra se aquilata o espírito de concórdia e de tolerância que predomina nas nossas fileiras, porque se reconhece o valor e a utilidade do credo religioso implantado na Europa no século XVI.

Podem os sequazes das crenças adversas contrverterem os nossos postulados, mas o que não podem é proclamar a nossa intolerância, como o prova o autor deste livro. E se o leitor quiser tirar a prova do que afirmamos, leia o livro, que não se arrependerá.

JESUS NEM DEUS NEM HOMEM — Estudos coordenados pelo Dr. Guillon Ribeiro — Edição da F. E. Brasileira — 1941 — 101 pág.

Dr. Guillon Ribeiro, Presidente da Federação Espirita Brasileira, inspirado no texto da obra famosa de Roustaing, coligiu umas notas sobre a debatida questão da personalidade do Cristo.

Segundo o Catolicismo, Jesus é Deus feito homem; segundo o Protestantismo, é o Unigénito e o Mensageiro da Fé em Deus, milagrosamente ressurgido ao terceiro dia.

Nenhuma destas definições dogmáticas satisfaz plenamente uma grande parte dos crentes, especialmente os espiritas.

Como Fundador, Protector e Governador deste planeta, Espírito puríssimo e dispensado de novos avatares, visto através da hipótese espirita, a sua personalidade agiganta-se e humaniza-se.

Foi assim que o autor o considerou.

Nem Deus nem homem, mas Espírito puríssimo, embaixador extraordinário do Pai, revestido dum corpo tangível e aparentemente idêntico ao dos homens para que estes o crêsem e lhe seguissem os mandamentos. Jesus nunca disse que era Deus, como o vulgo afirma. O advento do Espiritismo destruiu a lenda da divindade que lhe tem sido atribuída.

Os nossos proflaças, pois, ao eminente e douto confrade brasileiro, pela publicação deste livrinho útil e indispensável na hora que passa. A tese nêla defendida é lógica e convincente, para quem não tenha o espírito obnubilado pelo espesso véu dos dogmas estéreis e incongruentes.

MORTE APARENTE E SOBREVIVÊNCIA DA ALMA — por Francesco Zingaropoli, tradução de Francisco Klörs Werneck.

T RATA-SE dum opúsculo de 66 páginas, onde Werneck, proficiente investigador espirita, nos dá conta de vários factos ocorridos com pessoas, que descrevem o que *viram e sentiram* durante o despreendimento do seu espírito do corpo físico, em ocasião de operações cirúrgicas ou de desastres.

O caso de morte aparente, provocada pela catalepsia, acontecido com o Dr. Wiltse e estudado por Myers e Hodgson, é o mais importante registado neste opúsculo interessantíssimo. Por êle se pode avaliar quantas vítimas têm sido enterradas vivas, porque a crise durou mais tempo que o normal, e o óbito foi verificado pelos representantes duma ciência impotente para resolver os problemas psíquicos!

É pena que o Cristo não possa vir, pessoalmente, aos túmulos dos letárgicos, repetir o *surge et ambula*, para evitar tantas vítimas imoladas à infalibilidade científica de hoje!

cebispo na sua despedida, ali tinha posto suas mãos sacrílegas.» — «A violação fôra não somente infame, mas brutal».

Como disse já, a minha admiração pelas virtudes do grande Arcebispo não tem sofrido quebra, antes pelo contrário, mas eu desejaria que se não pudesse ter escrito dele: «posto que em seu coração bem mais castelhana que português.»

O PROBLEMA DA SOBREVIVÊNCIA pelo Dr. A. Lôbo Vilela — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1941 — 144 páginas.

○ livrinho que ora vamos analisar é pequeno no tamanho, mas grande pelo conteúdo espiritual e horizonte filosófico que nos entremostra, com a certeza duma convicção inabalável e indetritável.

Firma-o o nosso erudito compatriota Dr. Vilela, cujo nome tem uma projecção enorme nos círculos espiritas dos dois continentes de fala portuguesa; banhados pelo Atlântico.

O assunto, desenvolvido magistralmente, através das suas poucas páginas não é novo. Ele mesmo o diz na nota prévia: «Grande parte do conteúdo deste opúsculo fazia parte dum volume editado em Portugal com o título «A Morte é Vida».

Dadas, porém, as tendências dos campos infensos de se manterem na negativa obscante da sobrevivência do espírito ao corpo somático, a doutrina expendida nas suas páginas de ouro é sempre oportuna, porque marca a posição de vanguarda aos nossos quatro princípios fundamentais, a saber: a *evolução*, as *vidas sucessivas*, o *karma* e a *comunhão entre os vivos e os mortos*.

* * *

No capítulo V, intitulado «*Da idéia de Deus*», o autor dá-nos uma síntese admirável da evolução da história do pensamento humano.

Primeiro, cita o progresso intelectual do homem, desde os acanhados limites dos seus conhecimentos perante a natureza, a ponto de chegar a personificar os astros, o fogo, a água, as plantas e os animais; daí o tornar-se *naturalista*, *totemista* e *feiticista*. Depois, evoluindo sempre, tenta compreender os mistérios da criação, pluraliza os deuses e torna-se *politeísta*.

Com a concepção do *Belo*, deifica a natureza e é panteísta. Surge depois o *antropomorfismo*. Não pára aqui e, mais tarde, inquietado pelo problema do destino humano, refugia-se no *esoterismo*. Porém, a par deste, cultiva o *exoterismo*, com liturgia pomposa, para impressionar a fé.

E o autor, em estilo empolgante e convincente, revelando uma formação profundamente filosófica, conduz-nos ao ponto crucial da questão actual: o *idealismo* e o *materialismo*, dois fulcros, sobre os quais assentam as bases das duas idéias antagónicas.

Nenhuma delas, porém, atinge a compreensão de Deus, porque partem de premissas divergentes. Conciliar essas duas concepções adversas, é função primordial do Espiritismo.

As idéias de Deus, conjecturadas pelo *Artista*, pelo *Moralista* e pelo *Sábio*, são contrárias e exclusivistas. Só o *Filósofo*, como diz o Dr. Vilela, pode conceber a síntese das três aspirações:

(Do *Belo*, do *Bem* e da *Verdade*).

Diz Carl du Prel que «na hora da morte o sábio e o ignorante encontram-se no relativo à sorte que os espera depois do último suspiro. E pergunta: «Qual o género de vida que nos espera no Além?» e a resposta foi sempre: *ignoramus, ignorabimus!*

¿E porquê? Porque a teologia afirma a crença na imortalidade sem provas verosímeis, e a fisiologia nega-a, baseada no axioma, muito falível, da obser-

vação e experiência... física. Mas para conhecer toda a verdade, por meio da experiência, diz, e muito bem, Du Prel: *seria preciso que o homem tivesse tantos sentidos quantas as forças que há na natureza*.

Essas forças — e são tantas! — até agora nenhum sábio as descobriu. Essa, a impotência das ciências físicas e biológicas, incapazes de darem uma solução cabal ao problema máximo do destino humano.

No nosso entender, o autor de «*O Problema da Sobrevivência*» pôs o problema em equação, se bem que ainda sujeito à discussão da solução, como se diz em matemática. Atente-se em que o Espiritismo ainda não nos deu tudo quanto dele temos a esperar.

Eis, *grosso modo*, o que nos sugeriu a leitura desta obra admirável. Já pela sua factura, já pela magistral lição que o autor nos dá, vale a pena lê-la. Por isso, a recomendamos, especialmente aos sócios e assinantes desta revista. Com a sua leitura, acumularão facilmente argumentos suficientes para a defesa dos nossos postulados basilares, em qualquer campo da oposição.

A edição é esmerada; e a sintaxe, a-pesar do livro ter sido editado no Brasil, não apresenta os deslises da próclise e da ênclise dos prenomes.

BOA NOVA — Obra psicografada por Francisco Cândido Xavier — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1941 — 204 páginas.

ESTAMOS em presença de mais um trabalho mediúnico, ditado pelo espírito de Humberto de Campos, ao operoso médium F. C. Xavier e editado pela Federação Brasileira.

É constituído por 30 pequenos capítulos, formando um resumo dos quatro Evangelhos canónicos. A sua leitura é agradável, amena, e o seu estilo adapta-se maravilhosamente a este assunto especial da Vida do Cristo.

Ler este livro é ficar com uma idéia muito clara da vida de Jesus e do seu Evangelho prêgado e exemplificado na Terra Santa, cenário maravilhoso e inspirador de tantas obras primas, profanas e religiosas.

O seu autor, infatigável obreiro do mundo invisível, atingiu o seu objectivo ao ditar as páginas sinceras e convincentes da sua «*Boa Nova*». Nesta época incerta e dolorosa, em que o futuro da humanidade depende das circunstâncias trágicas que ora a subjugam, a leitura deste livro dá-nos um grande prazer espiritual.

A doutrina do Evangelho, que ele consubstancia, é, de facto, a única que redimiria esta pobre humanidade sofredora. Por o não respeitar nem seguir é que ela sofre e anseia por um mundo melhor que este em que, penosamente, tem de viver até cumprir os seus imperiosos deveres, impostos pelo Karma.

Como propaganda de princípios cristãos, reputo este livro muito útil e atraente.

O leitor curioso de saber encontrará nele tudo o de que necessita para compreender a doutrina expendida e exemplificada pelo doce Nazareno aos seus discípulos e às multidões famintas de amor e de promessas de um mundo melhor. É esse apostolado que o Espiritismo moderno se não cansa da propagar através do livro, da conferência e até da rádio. Que as penosas experiências de hoje sirvam de lenitivo para os dias porvindouros, eis o que, nesta época atribulada, devemos desejar a toda a humanidade que sofre e espera, com os olhos fitos no doce e manso Rabi!

Notas & Comentários

Dr. António Lôbo Vilela

Após quinze longos meses de ausência em terras do Brasil, regressou a Lisboa o nosso amigo e colaborador Dr. António Lôbo Vilela. Não podemos ocultar a nossa grande satisfação, extensiva a todos os seus admiradores, que são muitos, que são todos os espíritas conscientes que lhe compreendem e apreciam a obra.

A sua passagem pelo Rio de Janeiro ficou assinalada com a publicação de dois livros magníficos: «O Problema da Sobrevivência» e «O Destino Humano», ambos à venda no nosso depósito de livros.

Chamamos a atenção dos leitores para a secção de «Bibliografia», onde é feita a análise duma destas interessantes produções. Por essa análise, embora resumida e perfunctória, poder-se-á avaliar a envergadura mental do nosso eminente colaborador, que nos últimos anos tem desenvolvido enorme actividade literária e científica, através de prefácios, traduções e obras didáticas de reconhecido valor, como «Sobre o ensino das Matemáticas Elementares» e «Sobre a Didáctica da Matemática», que mereceram os aplausos da crítica mais severa.

A marcha do Espiritismo

É com grande satisfação que verificamos a expansão cada vez maior do Espiritismo, não só através de jornais e revistas da especialidade, mas também de cotidianos de larga circulação, que espalham os factos e as teorias, cientes de que algo contribuem para a vulgarização duma verdade que se afirma em todas as latitudes, a-pesar-de certos preconceitos que disputam a existência numa luta de vida ou de morte.

Agora, coube a vez ao Diário de

Lisboa que, na sua edição de 7 de Outubro último, inseriu um artigo de Artur Lôbo de Ávila, intitulado: «A procura da verdade. O Espiritismo rehabilitado em Roma» e do qual extraímos os seguintes passos:

«Como é sabido, a Igreja condenou, sob pena de excomunhão, a prática do Espiritismo, receando os seus efeitos nos espíritos fracos ou ignorantes, promovendo actos inadmissíveis e até a loucura.

«O sr. Laponi, médico preferido de Leão XIII, era um sábio e um espírito profundo e escreveu um livro valioso sobre o Espiritismo e as curas de doenças, realizadas em todos os tempos, pelo chamado magnetismo. Pediu o Dr. Laponi ao Pontífice que lesse o seu trabalho e o autorizasse a publicá-lo. Leão XIII assim fez, impondo-lhe a declaração, no livro, de que essa terapêutica só deveria ser permitida aos médicos.

«É justo reconhecer que o Espiritismo tem por base princípios da melhor moral: a justiça, o desprezo da riqueza e o conhecimento da verdade, tanto quanto é possível, neste mundo, à luta, que é da Natureza, entre o Bem e o Mal. Um médium não responde, ou manga com o ambicioso que deseja saber o número da sorte grande; ao mesmo tempo, esse médium ajudará a justiça a descobrir um criminoso e a defender um inocente, indevidamente acusado.

«Há bastantes anos, assistindo eu a uma sessão espírita, um médium deu a um general de engenharia, idoso, mais que ilustrado, sábio que desejava saber em que ano morreria, esta resposta, que ficou lavrada na acta: general, engenheiro, velho, tu não podes saber quantos anos o Senhor te reserva!

«Com equidade se pode, portanto,

considerar o Espiritismo puro como prática do Bem e da Virtude.

A seguir, refere-se a um artigo de Ugo Moraldi, publicado no Corriere della Sera, no qual, a-propósito das investigações de Alexandre Volt e de Galvani, o autor faz considerações a respeito de fenómenos misteriosos da vida: movimentos de objectos sem contacto, aparições, formações ectoplásmicas — sustentando que é preciso buscar mais uma vez e com novos instrumentos científicos as causas desses fenómenos, fixando-os com a máquina fotográfica, noticiando também a constituição da Sociedade Italiana de Metapsíquica, de que é presidente o notável psiquiatra Fernando Cazzamalli, onde se têm obtido resultados apreciáveis.

Felicitando o Diário de Lisboa pela inserção do artigo de Artur Lôbo de Ávila, fazemos votos para que a imprensa portuguesa saia do círculo estreito em que vegeta, no tocante à reserva mantida acerca duma doutrina racional, susceptível de orientar a ciência em muitas e laboriosas pesquisas, das quais poderá resultar mais perfeito conhecimento da verdade.

O paraíso não existe. Talvez que venha a existir daqui a um decilhão de anos. Aquêles que ali forem repostos por serôdia justiça, julgarão ter morrido na véspera. Ter sido, é ser. A sucessividade é condição absoluta do nosso espírito; mas, no objecto, a sucessividade e a simultaneidade confundem-se. Quando, em presença da morte, preguntamos intimamente se a noite será longa, somos tão ingênuos como as crianças que fazem idêntica pergunta ao deitar-se, porque anseiam pela luz do dia, durante o qual se divertem.

Renan

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

Médium que infringe a lei, por curar

o cancro e outras doenças...

Custa a acreditar, mas é assim mesmo e o caso passou-se na livre Inglaterra, onde o Espiritismo tem caminhado a passos de gigante. Até há pouco, os médiuns curadores exerciam ali a sua missão, sem que a polícia desse pela sua existência. Agora, o caso é diferente, sobretudo depois de aprovado um projecto de lei engendrado por ilustres esculápios, com o fim de se defenderem contra a diminuição da clientela...

W. T. Parish, de quem já temos falado nestas colunas, é o médium em questão, que infringiu a lei, curando o cancro e anunciando o facto com a publicação duma carta da filha da doente.

A notícia respigamo-la do *Psychic News* de 6 de Setembro, em artigo do seu director, o bem conhecido propagandista Maurice Barbanell, segundo o qual não foi só o médium quem infringiu a lei, mas também ele, director do jornal, por haver publicado a carta, e a correspondente, por a ter escrito, e a própria doente, por «anunciar» a cura, dizendo que estava melhor...

Psychic News infringe, novamente, a lei, noticiando a cura e extraíndo alguns parágrafos da carta enviada a Parish pela senhora B. Hewitson, de Disraeli Road, Londres, S. W. 15, relembrando a hora em que telefonou ao médium, dizendo-lhe que sua mãe sofria dum cancro do estômago. E, noite e dia, ela, seu marido e dois amigos mantiveram-se em concentração, ao mesmo tempo que o médium exercia a acção psíquica na cura a distância. E a cura realizou-se.

Outro caso é o da mulher cega de um olho e a quem uma intervenção cirúrgica inoportuna roubara a vista do outro. Tratava-se da sr.^a Gaywood, então residente em Tottenham, Court Road, West London, e agora vivendo no campo, perto de Dorking. A doente escreveu ao médium, com o auxílio duma régua, que colocava sobre o papel para guiar a pena, visto estar inteiramente cega.

— Estou absolutamente só — dizia ela —, perdi o contacto com toda a gente, mas tenho fé nos meus espíritos amigos. Quero falar com o médium curador sr. Parish. Sei que me ajudará, se tiver tempo para isso. Como não descobrira meio de lhe falar e não tinha quem escrevesse por mim, escrevi eu a carta.

Parish respondeu logo, dizendo que ia tratá-la. Passadas algumas semanas, a sr.^a Gaywood começou a ver, agradecendo o esforço dum médium curador que se encontrava a muitos quilómetros de distância e que nunca chegou a conhecer a enferma, sobre quem incidiam os seus tratamentos.

Além destas, muitas outras curas têm sido realizadas por W. T. Parish. Um indivíduo foi curado duas vezes, em três anos. Da primeira vez, sofria de úlcera gástrica e foi restabelecido por cura a dis-

tância. «Efectivamente — escreveu a esposa do enfermo — os médicos não querem acreditar que elle tivesse uma úlcera. Da segunda vez, o médico aconselhara uma operação de concreção biliar. A esposa escreveu novamente a Parish, pedindo-lhe que exercesse a cura a distância. Um mês depois, a mesma senhora escrevia ao médium: «Devo agradecer-lhe o grande auxilio que já lhe prestou. A semana passada tinha o médico em seu poder oito radiografias do estômago de meu marido. Pois agora não encontra o minimo vestigio de concreção biliar».

Um rapaz que estava no hospital soube que os médicos se preparavam para lhe amputar uma perna. Mas teve um amigo que escreveu a Parish e a perna foi salva. Uma senhora que fôra auxiliada a distância, durante uma séria operação, há cerca dum ano, escreveu também para declarar que, após as experiências do hospital, teve alta com a indicação de «diabetes curada». O próprio doutor se admirou, dizendo que era coisa rara.

O director de *Psychic News* diz que viu todas estas cartas e conhece os nomes e endereços dos correspondentes, acrescentando:

«Os médicos podem inconscientemente zombar da cura espirita, mas ela exerce-se, a-pesar-de tudo».

Parish continua a consagrar-se por completo ao serviço da humanidade. Cura enfermos, anima outros curadores e inspira muitas pessoas. E às vezes, para cumprir o seu dever, tem que transgredir... a lei. Nada há que possa impedi-lo de desempenhar a sua missão.

Em Sorocaba, cidade do Estado de S. Paulo, há uma agremiação espirita intitulada «Sociedade Beneficente Allan Kardec», que está empenhada na realização do seguinte programa:

- 1.º — Auxilio pecuniário aos sócios, por motivo de doença ou desastre.
- 2.º — Auxilio pecuniário às famílias dos sócios falecidos, destinado ao funeral dos mesmos.
- 3.º — Assistência médica, farmacêutica, hospitalar, dentária e judiciária.
- 4.º — Construção de Hospital Espirita, Maternidade e Albergue Nocturno.
- 5.º — Auxilio aos sócios para construção de casa própria.
- 6.º — Assistência aos necessitados.
- 7.º — Departamento das senhoras espiritas.
- 8.º — Curso gratuito de corte e costura, flores, etc., para as filhas dos sócios.
- 9.º — Escola dominical «Pequeninos de Jesus».
- 10.º — Instrução cívica, moral e religiosa.
- 11.º — Jornal espirita.

Por êsse mundo...

— Um chefe da polícia inglesa assistiu a uma sessão pública no Royal Cinema de Blackburn, onde obteve uma comunicação dum polícia amigo, que desencarnara havia muito tempo. O guia da médium disse: «Está presente um espírito chamado Joseph Thwaites ou Fate, que pertenceu à polícia». E indicou um jovem colocado em certo lugar da platéia. «¿Há aí alguém que use uniforme azul? — continuou. «Sim» — foi a resposta. Em seguida, ouviu-se uma voz que mais de cem pessoas reconheceram. Era uma mensagem dirigida ao chefe do Polícia de Blackburn.

— O cônego L. W. Grensted, que redigiu o célebre relatório das experiências espiritas, sonogado pelo Arcebispo de Cantuária, chefe da Igreja de Inglaterra, publicou um esplêndido artigo em que justifica a sua crença na comunicação dos espíritos. Documento de altíssima importância, a êle nos referiremos pormenorizadamente, logo que o espaço no-lo permita.

— Em virtude duma lei recentemente publicada em Inglaterra, a polícia começou a perseguir aquêles que se dedicam à leitura da *buena dicha*. Em compensação, admite a publicação na imprensa de previsões astrológicas, sem que os seus autores sejam molestados.

— A revista espirita brasileira *Novo Horizonte* acabou de publicar um romance de Alexandre Dias, intitulado «O Mistério das Sombras», que vai ser editado em livro.

— A Liga Espirita do Brasil patrocina oito ambulatórios, onde os doentes são tratados gratuitamente, sem distinção de crenças religiosas, nacionalidade ou posição social.

— A Directoria da Federação Espirita Brasileira foi reeleita em Agosto passado, dela fazendo parte os seguintes confrades: *Presidente*, Guillon Ribeiro; *Vice-presidente*, M. Quintão; *1.º Secretário*, Ubaldo Ramalheite Maia; *2.º Secretário*, Alfredo Félix da Silva; *3.º Secretário*, João de Oliveira e Silva; *Tesoureiro*, F. V. da Rocha Garcia; *Procurador*, Manuel Jorge Gaio; *Director da Assistência aos necessitados*, J. L. Paiva Júnior; *Gerente do «Reformador»*, António Wantuil de Freitas.

— *The Greater World*, de Londres, de 31 de Maio último, publica um artigo de fundo, intitulado «O trabalho dum grande missionário», em que o nosso confrade e compatriota Severiano Ivens Ferraz é apontado como verdadeiro exemplo de propagandista. A êste pioneiro se deve a vulgarização das alocações de *Zodiaco*, não só em Portugal, como no Brasil, onde se encontra há muitos anos.

— Segundo informa *Psychic News* de 13 de Setembro, *sir* Oliver Lodge deu provas da sua sobrevivência, materializando-se numa sessão em que trabalhava a médium Helen Duncan. «Albert» — o espírito guia, é que anunciou a materialização, dizendo: «*sir*

Oliver Lodge» e acrescentou que o famoso cientista desejava falar a sua esposa. Lodge apareceu e disse: «o agente que aqui me trouxe para demonstrar a continuidade da vida após a morte, foi meu filho Raimundo».

— No último relatório do Director da Livraria da Federação Espirita Brasileira, datado de 1 de Julho passado, lê-se o seguinte período, extremamente elucidativo: «Vê-se, por esta simples exposição de algarismos, que se transmutou na mais concreta realidade o sonho acariciado por alguns membros da Directoria da Federação Espirita Brasileira de transformar a Livraria na coluna mestra do seu edificio material, fazendo face, com a sua renda, à maior, senão à totalidade dos seus compromissos de ordem financeira».

— O *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, aumentou a sua tiragem para 10.000 exemplares.

— As vendas da Livraria da Federação Espirita Brasileira atingiram, no último ano, a quantia de 607.556\$000 reis, mais 26.675\$000 reis que no exercício anterior. As obras que tiveram maior expansão foram «O Evangelho segundo o Espiritismo», de que se fez a 26.ª edição, e «O Livro dos Médiuns», de que se fez a 16.ª.

— O censo da população brasileira, relativo a 1940, informava que havia 20 % de espiritas, ou seja um total de *nove milhões*.

— A *Federação dos Espíritos* de Porto Rico, criou a «Escola dominical Espiritista do Ar», como órgão e instrumento de vulgarização do Espiritismo pela rádio e cujos programas são transmitidos aos domingos pela emissora *W R P P*. A mesma Federação transmite também, tôdas as quintas-feiras de manhã, um programa intitulado «A voz do Espiritismo em Porto Rico», irradiado pela emissora *W P A B*.

— A Associação Espirita «Obreiros do Bem», do Rio de Janeiro, que está a construir um grande hospital espirita na capital fluminense, informa que o seu ambulatório «Allan Kardec» continua a funcionar todos os dias úteis, socorrendo tôdas as pessoas que ali acorrerem.

O corpo clínico presta serviço gratuitamente e é composto pelos seguintes médicos: Dr. Benedito Godoy Ferraz (homeópata), chefe do Ambulatório; Dr. J. Octaviano Riedel de Carvalho, Dr. A. M. Abreu e Dr. António da Costa Carvalho, todos de clínica geral; e Dr. António de Assis Moura, cirurgião. O lema da Associação é: «O Bem é o nosso fanal. A caridade, o nosso roteiro. A Fraternidade, o nosso alvo».

— O Centro Espirita Pátria do Evangelho, do Rio de Janeiro, vai lançar os fundamentos do *Retiro dos Espíritos*, destinado a acolher os velhinhos já esgotados de energia, sem recursos e desamparados.

Noticiário

Transcrições

A *Revista Internacional do Espiritismo* e outras publicações estrangeiras continuam a honrar-nos com transcrições de artigos desta revista. No seu n.º de Agosto, aquela revista transcreveu a notícia «Como meu filho provou a sobrevivência», extraída da nossa «Crónica Estrangeira».

Também o nosso colega *Além*, órgão da Sociedade Portuguesa de Investigações Psíquicas, se dignou transcrever a *Nota* que escrevemos no n.º 12 de *Estudos Psíquicos*, sob o título «Ponto Final!», acompanhando-a de comentários altamente desvanecedores para nós, e que consideramos imerecidos, porquanto, reconhecendo a nossa inferioridade e a fraqueza dos meios que empregamos, apenas nos resta apelar para as forças que nos restam, a-fim-de canalizá-las o melhor possível, com proveito para a Causa.

«Região de Leiria»

Este magnífico semanário leiriense, criteriosamente dirigido pelo nosso confrade e amigo sr. J. Baptista Santos, iniciou há pouco uma secção permanente, intitulada «Curiosidades», na qual transcreve várias notícias da «Crónica Estrangeira», da autoria do nosso Director. O gesto da *Região de Leiria* é altamente significativo e vai levar muitos leitores a interessar-se pelos fenómenos psíquicos e espíritas.

Aquele jornalista apresentamos a expressão do nosso vivo reconhecimento.

Instituto Espiritualista Português

Subscrita pelo seu Presidente da Direcção, recebemos uma carta do Instituto Espiritualista Português, comunicando-nos a sua reorganização, após a dissidência do Centro E. Perdão e Caridade, verificada em Junho último.

A nova colectividade agradecemos a participação que nos foi feita, desejando-lhe as maiores prosperidades na missão em que se investiu.

Natal de 1941

Como em 1940, voltámos este ano a distribuir alguns donativos pelos necessitados, os quais necessitados, infelizmente, estão em desproporção com a exiguidade dos nossos recursos. O momento é de crise universal, o que nos obriga a ficar muito aquém dos nossos desejos mais veementes. Prouvera que os tempos mudassem e que reinasse a paz entre os homens. Poderíamos, então, abalar-nos a obra de maior fôlego que nos permitisse exercer a caridade em maior escala, contribuindo, assim, para a extinção da miséria moral e social.

A todos quantos nos enviaram donativos, aqui dei-

xamos consignado o nosso indelével reconhecimento, em nome dos contemplados.

Segue a lista dos donativos:

Transporte do n.º 13 da revista — 97\$00.

E. F. M., 20\$00; J. C. N. S., 5\$00; Armando Mendes Madeira, 5\$00; F. M. G., do Rio de Janeiro, 1.500\$00; Alfredo Nunes, 5\$00; E. D., 5\$00; Anónimo, 5\$00; F. F., 25; Damião Teixeira, 7\$50; Um sócio, 5\$00; D. Maria Apolinária R. Santana, 2\$00; Grupo Espirita Irmãos do Bem, 44\$00; Rufino A. Lopes Bragança, 5\$00; J. Vendrell, 9\$00; Grupo Espirita Allan Kardec, 50\$00; Herminio Augusto Neves, 2\$50; Mário de Jesus, 2\$50; João José Alves, 5\$00; Guilherme Miguel Afonso, 5\$00; Eduardo Matos Cortes, 5\$00; Francisco Matos, 3\$00; D. Maria Clementina França, 5\$00; M. P., 2\$50; D. Cecília de Figueiredo, 5\$00; D. Catarina Gomes de Figueiredo Pais, 5\$00; António Gomes Parreira, 5\$00; D. Delfina do Nascimento Silva, 3\$00; Dr. Fred Wachsmann, 10\$00; Júlio Ferreira, 2\$50; José Tarrío y Hernandez, 2\$50; S. A. S., de Faro, 10\$00; Centro Luz, de Coimbra, 10\$00; Uma camponesa, 10\$00; Grupo Espirita Luz e Amor, 15\$00; Bernardo Correia de Almeida, de Alcobaça, sufragando a alma de sua saudosa esposa Amélia Assunção Almeida, 10\$00; Manuel de Sousa Neves, de Calvos, 2\$50; Uma desconhecida, 10\$00; Caixa de Beneficência do Centro Espiritualista Luz e Amor, 140\$00; Francisco Elias de Carvalho Simão, de Ovar, 20\$00; Albano António Ribeiro, do Porto, 5\$00; Anónima, 20\$00; venda de seis exemplares do folheto «Em legítima Defesa», 6\$00 — Total: 2.082\$75.

Foram contemplados 112 pobres; 60 com senhas de 25\$00 e 52 com senhas de 10\$00. As senhas de 25\$00 correspondiam a vários géneros de mercearia, no valor de 20\$00 e a 5\$00 em dinheiro; as de 10\$00 foram distribuídas só em dinheiro.

Enviámos também cinco senhas para cada um dos seguintes jornais: *O Século*, *Diário de Notícias*, *República* e *Diário de Lisboa*.

Para o Governo Civil, foram enviadas 3 senhas de 25\$00 e 7 de 10\$00.

Foram também distribuídos seis casaquinhos de malha e um enxoval, com cinco peças, para um recém-nascido. O enxoval é oferta da Sr.ª D. Luciana Perdigão.

Como no ano passado, todos os donativos foram distribuídos na sede do Centro, incluindo os respeitantes às senhas enviadas para os jornais e Governo Civil, perfazendo a importância de 2.020\$00 que, com 25\$00 de despesa, soma 2.045\$00, restando, portanto, um saldo para o ano seguinte de 37\$75.

Oferta de livros

O nosso prezado confrade e amigo, Dr. Lôbo Viçela, teve a gentileza de oferecer ao Centro E. Luz e Amor cinquenta exemplares do seu recente livro «O Problema da Sobrevivência».

É uma obra admirável baseada num tema de capital importância para o Espiritismo. Desnecessário se

torna dizer da maneira como o autor desenvolve esse tema, visto ele ser um Mestre em Espiritismo.

Em nome da Direcção do Centro, agradecemos ao nosso querido amigo esta valiosa oferta.

As nossas conferências

Como dissemos no último número, o novo ciclo de conferências do C. E. L. A. foi inaugurado pelo nosso distinto confrade sr. Coronel Faure da Rosa, cuja conferência teve por título: *O homem que dormiu cinquenta anos* e que foi realizada no dia 19 de Outubro findo.

Como em tôdas as conferências que este nosso velho amigo nos dá a honra de fazer no Centro, foi ouvido com muito interesse, não só pela maneira impecável, elegante e alegre da sua dicção, como também pelo assunto escolhido — extraído de uma novela de Charles Richet — em que pôs em confronto duas civilizações distanciadas cinquenta anos uma da outra, mas já tão diferentes entre si.

Nos dias 24 e 25 do mesmo mês, Cruz Ferreira, o apóstolo evangelizador a quem a Causa espírita tanto deve, de passagem por Lisboa, realizou uma conferência em cada um desses dias, sendo a última a pedido de alguns sócios. Ambas versaram sobre os Evangelhos, que o orador conhece a fundo, e deixaram a assistência numa disposição de espírito propícia para a execução das grandes máximas do Cristo-Jesus.

Em seguida à primeira conferência e também a pedido, Cruz Ferreira fez uma sessão de curas magnéticas, com vários doentes que se achavam presentes.

O Dr. Fred, vigoroso conferencista, realizou no dia 9 de Novembro uma notável conferência subordinada ao título: *Pan-vitalismo e pan-psiquismo*. Como as anteriores por ele realizadas no Centro, esta foi cheia de lições para assistência, que ouviu o orador sempre com crescente agrado.

No dia 20 de Novembro coube a vez ao denodado propagandista do Espiritismo sr. Dr. António J. Freire, que versou o tema: *Os habitantes humanos do mundo astral*, tendo realizado outra conferência, como complemento desta, no dia 21 de Dezembro, sob o título: *Os habitantes não humanos do mundo astral*.

A sua erudição, a fluência das palavras e a maneira fácil como expôs estes assuntos deixaram encantados quantos a ela tiveram o prazer de assistir, porque, além disso, o Dr. António Freire sabe tornar compreensíveis os assuntos mais transcendentes, não só por meio da palavra, como também por meio de esquemas elucidativos.

Colaboração

Por um lapso do nosso colaborador, dr. António J. Freire, o artigo da sua autoria que anunciámos no número anterior desta revista para este número, subordinado ao título «O Poder Mental (Formas astromentais. Egrégoras)», será publicado no próximo número, sendo o segundo da série que inicia hoje sob o mesmo título.

Caixa de Propaganda

Do nosso estimado consócio de Coimbra, sr. Braga Júnior, recebemos a importância de 15\$00 para a Caixa de Propaganda e de J. C. N. S., 5\$00. Muito agradecidos.

Auxílio a «Estudos Psíquicos»

Recebemos também, para auxílio desta revista: de F. M. G., do Rio de Janeiro, 300\$00; de Adelino Antunes de Matos, de Ceira, 5\$00; e de Joaquim Vieira de Figueiredo, de Santarém, 5\$00.

A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Auxílio ao Centro

Para este fim, recebemos 100 angulares oferecidos pelo nosso confrade sr. João da Silva Gomes, de Malange, e que por lapso não foram mencionados oportunamente. Recebemos também 50 angulares enviados pelo confrade sr. Armando Vieira, também de Malange. Os primeiros foram convertidos em 93\$00 e os últimos em 46\$50, ao câmbio do dia.

Do nosso consócio e amigo, sr. Aires dos Santos Pinto, recebemos 50\$00; de F. M. G., do Rio de Janeiro, recebemos 500\$00.

A estes prestimosos confrades, o nosso vivo reconhecimento.

Programa dos trabalhos do Centro nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1942.

Dia 4 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos — Mèdium — D. Maria Pinheiro.

Dia 11 de Janeiro, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «A Mèdium Piper».

Dia 18 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares — Mèdium — D. Maria Pinheiro.

Dia 25 de Janeiro, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Dia 1 de Fevereiro, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «Origem e finalidade do Espiritismo».

Dia 8 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental dirigida por Isidoro Duarte Santos — Mèdium — D. Maria Pinheiro.

Dia 22 de Fevereiro, às 16 horas — Sessão experimental a cargo dos grupos «Allan Kardec» e «Joana de Arc».

Dia 1 de Março, às 16 horas — Conferência pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Ivone de Sousa, intitulada «Espiritismo e Teosofia».

Ao fechar o presente número, «Estudos Psíquicos» envia aos seus amigos, colaboradores e leitores os melhores cumprimentos de Boas-festas e um Novo-Ano muito feliz, com votos de saúde e paz espiritual.